

**Desvelando uma Árvore na Floresta Editorial:  
Relatório de Estágio na Alêtheia Editores**

**Catarina Marta da Rocha Gaspar**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

**Março, 2019**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação  
científica de João Luís Lisboa

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Tiago, que se sentou ao meu lado enquanto eu escrevia.

À Sara Ferreira, com quem nunca fui ao deserto.

À minha família por nunca me ter sugerido que cobrisse as olheiras com maquilhagem.

À minha orientadora Andreia por me ter dado tanto a aprender com a maior paciência.

Ao professor João Luís Lisboa por me perdoar os atrasos.

**DESVELANDO UMA ÁRVORE NA FLORESTA EDITORIAL:  
RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA ALÊTHEIA EDITORES**

**Catarina Marta da Rocha Gaspar**

**RESUMO**

O presente relatório retrata toda a atividade de relevo por mim exercida na empresa Alêtheia Editores, entre os dias 27 de agosto e 5 de novembro de 2018, enquanto estagiária, como parte integrante da componente não-letiva do mestrado em Edição de Texto. Desta forma exponho os eventos em que participei e as funções desempenhadas ao longo das diferentes etapas de pré-produção de um livro, como sejam digitalizações para OCR's, limpeza de texto, produção de conteúdos, revisões, aprovação de ozalides, entre outras, com destaque para alguns projetos nos quais tive uma intervenção mais ativa e demorada. As obras trabalhadas correspondem predominantemente a livros de não-ficção ou a literatura infantojuvenil e são dirigidas não só para venda em livrarias sob a insígnia da Alêtheia, mas também e em grande parte para as suas chancelas, Sinapis e Ideia-Fixa, ou em acordo com outras empresas de maior dimensão com capacidade de vendas em estabelecimentos próprios ou mais variados, como o jornal *Expresso*, a empresa de retalho Sonae ou os CTT – Correios de Portugal. Além das relações da editora com estas firmas, descrevem-se ainda interações com outras que asseguram serviços de pré-produção, produção e pós-produção que ultrapassam as capacidades dos funcionários do escritório em Lisboa em termos de tempo, recursos técnico-informáticos ou conhecimentos, como o *design*, a paginação, a impressão e a distribuição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alêtheia Editores, Edição de Texto, livro, pré-produção, não-ficção, infantojuvenil, chancelas, empresas

**UNVEILING A TREE IN THE PUBLISHING FOREST:  
REPORT OF INTERNSHIP IN ALÊTHEIA EDITORES**

**Catarina Marta da Rocha Gaspar**

**ABSTRACT**

The present report depicts all the activity exerted by me inside the company Alêtheia Editores, between the 27<sup>th</sup> of August and 5<sup>th</sup> of November of 2018, as an intern, as part of the non-theoretical component of the master's degree in Text Editing. Thus, I expose the events in which I participated and the tasks undertaken along the different steps of pre-production of a book, may they be scanning for OCR's, text cleaning, content production, revising, ozalids approval, among others, with special focus on projects that took me a more active and longer intervenience. The books I worked with were mostly non-fictional or children's and these were directed not only for bookstores under the insignia of Alêtheia, but also and largely for its other brands, Sinapis and Ideia-Fixa, or as the result of an agreement with firms of bigger dimension with the capacity of selling in their own or in more varied establishments, like the newspaper *Expresso*, the retail company Sonae or the CTT – Correios de Portugal. Besides the relationship of the publisher with these firms, I also describe its interactions with others that ensure pre-production, production and post-production services that surpass the capability of the workers of the office in Lisbon in terms of time, technical or computer resources or knowledge, such as design, pagination, printing and distribution.

**KEYWORDS:** Alêtheia Editores, Text Editing, book, pre-production, non-fictional, children's, brands, firms

## ÍNDICE

Agradecimentos .....	I
Resumo .....	II
Abstract .....	III
Introdução.....	1
Alêtheia Editores.....	3
Eventos .....	7
Não-Ficção .....	9
Infantojuvenil.....	16
Produção de Conteúdos.....	22
Tarefas e Aprendizagens Complementares .....	26
Conclusão .....	28
Bibliografia.....	30
Anexos.....	31

## INTRODUÇÃO

Ao longo deste relatório, exponho a minha primeira experiência de trabalho numa editora independente. O estágio na Alêtheia Editores, que se prolongou durante três meses, facilitou a compreensão e assimilação das várias aprendizagens teóricas que me foram transmitidas no âmbito da componente letiva do mestrado em Edição de Texto. Nas próximas páginas, revelo em detalhe todas as funções de relevo por mim exercidas, não esquecendo os meios utilizados para o efeito ou os obstáculos que foram surgindo no percurso, bem como as soluções encontradas para os ultrapassar, evidenciando desta forma os conhecimentos adquiridos no período de serviço.

Inicialmente, apresento as fundadoras da Alêtheia, Zita Seabra e Alexandra Louro, traçando-lhes levemente um perfil de forma a dar a compreender as origens desta empresa. Discorro depois sobre a própria Alêtheia e respetiva linha editorial enquanto editora principal num pequeno grupo constituído por mais duas chancelas que assumem fins muito específicos e diversos entre si – Sinapis e Ideia-Fixa. A situação corrente da editora e resultante dinâmica podem ser deduzidas através da explicação da sua relação com outras empresas, sejam elas gráficas, isto é, de apoio à edição, oferecendo serviços de impressão ou paginação, ou mesmo unidades de retalho, onde as vendas se processam com muito mais fluência, entre outras.

Entramos então no relato efetivo da minha experiência na editora. Em primeiro lugar, são enumerados alguns dos eventos que tiveram lugar no período em que estagiava. Aqueles em que tive oportunidade de marcar presença são explicados com algum pormenor, nomeadamente a Festa do Livro de Belém de 2018, que se mostrou de particular êxito para a Alêtheia em termos de divulgação, e a apresentação de um livro teoricamente oportuna, embora não tão feliz.

Seguidamente, trato os temas da edição em concreto, aqueles que implicam efetivamente a manipulação do texto, tendo colaborado de diferentes formas no desenvolvimento de livros para as várias marcas dentro da Alêtheia ou em acordo pontual com a editora. Começo por falar nos livros dirigidos a um público mais maduro e instruído com o desejo de aprofundar conhecimentos sobre certos temas em particular, explorando o *modus operandi* e as contrariedades encontradas e ultrapassadas a cada passo. O primeiro grande projeto que tive em mãos seria publicado semanalmente com o jornal *Expresso* em oito volumes. A coleção chama-se *O Essencial dos Reis de Portugal* e trabalhei neste projeto desde o primeiro até ao último dia do meu estágio,

pelo que estive presente em todas as etapas – digitalização, OCR, limpeza do texto, revisão, aprovação de ozalides. Efetuei um grande número de revisões, tanto para a Alêtheia como para a Sinapis ou a Ideia-Fixa, cada qual com uma apresentação gráfica muito distinta, embora a abordagem textual se mantivesse mais ou menos linear. Produzi ainda um índice onomástico para uma outra obra.

No entanto, a maior parte dos livros em que trabalhei dirigia-se ao público infantojuvenil, o que implica uma focalização diferente dos cuidados a ter. Em colaboração com a Sonae, a Alêtheia produziu a coleção *Conta-me uma História*, que consiste na adaptação de contos populares. Esses textos foram revistos por mim em ecrã e em ozalide. Numa vertente mais pedagógica, surge a coleção *À Descoberta*, com vários títulos que oferecem explicações amplas sobre as mais variadas ciências. Esses livros chegaram-me em formato digital para revisão e apuramento da fiabilidade dos dados. Cheguei também a formular alguns apartes informativos que lhes foram adicionados de forma a manter a uniformidade na paginação. Já a coleção *bê-Á-bá*, constituída por livros para bebés, não exigiu tanto tempo de revisão. Participei ainda na produção de um dicionário de inglês para alunos do primeiro ciclo, destinado a ser vendido nos estabelecimentos dos CTT, através de sugestões para entradas e revisão.

Para alguns dos títulos infantis da Alêtheia, produzi os próprios conteúdos. Foi o caso de mais dois livros frutos de acordo com os CTT. Um deles viria a ser a primeira narrativa de uma ambiciosa coleção sobre *Stamp, o Cão Detetive*, e o segundo reunia uma série de lengalengas e trava-línguas. O livro *Mulheres que Mudaram o Mundo*, que se planeava vir a reunir a biografia de 15 celebridades do género feminino com ilustrações muito especiais, foi também parcialmente revisto e escrito por mim, embora o seguimento deste projeto tenha sido interrompido.

Por terem sido parte integrante do meu estágio e me terem ajudado a perceber bastante mais sobre a dinâmica da editora, não pude deixar de incluir algumas das tarefas básicas e incumbências que realizei ao longo dos tais três meses e as aprendizagens que essas funções me concederam.

Toda esta informação está disposta com o rigor considerado necessário, no sentido de oferecer uma perspetiva tão sóbria quanto possível sobre as funções, o ambiente de trabalho e a dinâmica de uma editora independente num mercado editorial em constante batalha por um lugar no topo de vendas, predominantemente dominado por grandes grupos editoriais.



## ALÊTHEIA EDITORES

Com uma história de vida indubitavelmente fascinante, desde os tempos em que dançava em pontas alimentando o sonho de ser bailarina, por entre as relações com a PIDE e as piruetas complicadas que deu para evitar cair na violência da sua austeridade, até à mudança partidária drástica da esquerda para a direita, Zita Seabra é hoje uma senhora simultaneamente amável, frontal, divertida e exigente. A sua biografia pode ser consultada na obra da sua autoria *Foi assim* (2007), publicada pela própria Alêtheia. Desde que enveredou no mundo editorial, começando pela Quetzal, chegou a ser diretora comercial tanto desta editora como da Bertrand e, em 2005, fundou a Alêtheia Editores. A seu lado encontra-se Alexandra Louro, que também trabalhara para a Bertrand.

É frequente encontrar nas primeiras páginas dos livros da editora em questão parte do seguinte fragmento do discurso proferido por Sophia de Mello Breyner Andresen, que se seguiu à entrega do Prémio do Centro Português da Associação de Críticos Literários: “Para mim, o tema das *Navegações* não é apenas o feito, a gesta, mas fundamentalmente o olhar, aquilo a que os gregos chamavam *aletheia*, a desocultação, o descobrimento. Aquele olhar que às vezes está pintado à proa dos barcos” (8). Esta ideia de “desocultação” foi o ponto de partida para uma linha editorial com base na não-ficção, trazendo luz ao conhecimento do que é realidade mas permanece por esclarecer e por discutir, aqueles temas e perspetivas considerados interditos no senso comum. No discurso citado, um pouco antes, a autora fala também nas dificuldades que teve em encontrar uma editora que compreendesse o conceito e o propósito da sua obra. Nas suas palavras: “Levei algum tempo a encontrar o editor que entendesse o meu desejo”. Ao remeter para este momento específico da escritora, a Alêtheia vem autopropor-se para ser esta editora, uma editora que escute e entenda os escritores interessados na publicação. Desta forma, a adoção do vocábulo grego, reforçada pelos contornos de um capitel da Antiga Grécia no seu logótipo, define a imagem e o percurso que as fundadoras desejavam traçar para a editora ao longo dos anos e que, a mais ou menos custo, na minha opinião, tem vindo a conseguir.

A criação de novos braços editoriais surgiu precisamente da necessidade de manter definida a linha editorial da Alêtheia, não descartando a publicação dos mais variados géneros e aumentando os meios de sustento financeiro da empresa. Desta forma, numa transversal da Rua Augusta, em Lisboa, num terceiro andar de um edifício

cujo interior se destaca de imediato por uma beleza antiga e devota, localizava-se a sede da Alêtheia, editora de livros fundamentalmente não-ficcionais, mantendo-se fiel a temas históricos, políticos e religiosos. É também aí que se trabalham os textos para os livros da Ideia-Fixa, chancela que publica essencialmente livros de leitura mais leve, como romances, livros de receitas ou de desenvolvimento pessoal. Já a Sinapis é uma editora *on demand*, publicando livros a pedido dos autores mediante pagamento apresentado por eles, conforme o tratamento que a obra precise e a qualidade material do respetivo livro.

Os objetivos iniciais de uma *print on demand* eram, para Zita Seabra, “combater os livros em *stock* e o desperdício, acabar com armazéns de monos e recuperar bons livros esgotados” (Coutinho 66). Com isto oferecia ainda a qualquer pessoa com os meios financeiros necessários a possibilidade de ver uma obra sua editada e publicada sem ter de passar pela avaliação muitas vezes demorada e imprevisível do corpo editorial, limitando as preocupações do autor à redação do texto. Além de todas estas conquistas, seguindo o pensamento de Walter Benjamin, este tipo de edição rejeita uma certa responsabilidade pela qualidade do que é publicado:

“As coisas ganham outro sentido se a crítica se fixar, adentro de determinados limites, no princípio da responsabilidade (económica) do editor, denunciando aqueles que editam maus livros por esbanjarem o capital, já de si limitado, de que a produção do livro pode dispor.” (114)

No entanto, neste caso, a situação inverte-se, uma vez que a Sinapis se encontra no seio da Alêtheia. Ao pagar para que os seus livros sejam editados, os autores estão a gerar verba para publicações de qualidade nos restantes ramos deste grupo editorial, o que permite à crítica uma maior exigência em relação ao conteúdo e ao material dos livros da Alêtheia. Há que lembrar, contudo, que o dinheiro cobrado aos autores da Sinapis serve ainda para pagar aos funcionários que tornam possível a edição dos seus livros e para cobrir os meios de produção utilizados, o que não deixa grande margem para investimento noutros setores da empresa, tornando essa exigência algo injusta, embora justificável de acordo com a lógica do filósofo alemão.

Esta rede editorial, embora pequena, envolve ainda outras empresas, a que recorre para serviços de paginação, *design*, impressão e distribuição. A Várzea da Rainha Impressores, com sede em Óbidos, é a que está mais intrinsecamente ligada à

Alêtheia, recorrendo a uma impressão digital para dar forma à maior parte dos projetos da editora. É também aí que se efetua a paginação, o que implica um contacto constante entre os dois lugares, maioritariamente feito via *e-mail* e telefone, mas também presencialmente graças a deslocações semanais relativamente longas da parte das principais fundadoras da Alêtheia e da própria VRI desde 2009, Zita Seabra e Alexandra Louro. Esta empresa presta muitos outros serviços que não se prendem necessariamente com a Alêtheia Editores, mas com o trabalho regular de uma tipografia, como a publicação de teses de doutoramento, a impressão de cartões de visita ou de convites de casamento, ou mesmo traduções, tudo isto também mediante pagamento. Uma outra empresa com que a Alêtheia mantém ligações, embora menos estreitas, é a Raínho e Neves Artes Gráficas, situada a norte do país, em São João de Ver, e propriedade das Edições Afrontamento.

O motivo de contacto não com uma mas com duas empresas que prestam serviços semelhantes assenta no tipo de impressão que se adequa a cada projeto editorial. A Várzea da Rainha permite fazer pequenas tiragens, o que se adequa à maior parte dos livros produzidos pela Alêtheia, a um custo baixo por unidade, uma vez que se baseia na impressão digital. Foi o caso da obra *Bilhete de Identidade*, uma autobiografia de Maria Filomena Mónica, publicada em 2005. Já a Raínho e Neves utiliza a impressão *offset*, dando prioridade à qualidade, o que implica custos mais elevados. Ainda assim, o método acaba por compensar em grandes tiragens, uma vez que o preço por unidade vai reduzindo conforme a quantidade pretendida de exemplares aumenta. Vale a pena recorrer a esta última empresa, principalmente, no caso de livros infantis, nos quais a qualidade gráfica tem maior impacto. Foi o caso do livro *Marcelo, o Presidente* (2018), escrito por Joana Lopes e ilustrado por Rita Martins.

Para a distribuição, a Alêtheia recorre aos serviços da Bertrand, como fazem outras editoras, entre as quais a Saída de Emergência e a Tinta-da-China, por exemplo.

Além de todas estas relações, a Alêtheia mantém ainda alguns acordos com grandes companhias, como as empresas de retalho Sonae e Pingo Doce, bem como com o jornal *Expresso* e os CTT. Como tal, esta surge como uma de cada vez mais editoras que contam cada vez menos com livrarias para vender os seus livros, uma vez que a sua comercialização é muito mais eficaz e lucrativa nas quase incontornáveis infraestruturas mencionadas. As dificuldades de manutenção de uma livraria foram experienciadas na altura em que a sede da Alêtheia se situava na Rua do Século, onde se localizara a antiga Padaria Provinciana. Aí o espaço albergava uma livraria aberta ao público. Após

a sua inauguração, em março de 2009, a Alêtheia já se deslocou duas vezes para espaços sucessivamente mais apertados.

## EVENTOS

Para efeitos de divulgação da editora, respetivos autores e títulos publicados e até da própria imagem, vai sendo conveniente a presença da Alêtheia nalguns eventos, como feiras do livro ou feiras editoriais, bem como a celebração de lançamentos ou apresentações ou mesmo sessões de autógrafos organizados pela própria marca. Enquanto estagiária, foi-me dada a oportunidade de participar nalgumas destas iniciativas.

Desde 2016, ano em que Marcelo Rebelo de Sousa foi eleito Presidente da República, que se celebra anualmente a Festa do Livro nos jardins do Palácio Nacional de Belém com o objetivo de promover autores de língua portuguesa. Em 2018 voltou a suceder, desta vez entre 30 de agosto e 2 de setembro. A Alêtheia marcou presença numa pequena banca entre a Zero a Oito e a Imprensa Nacional Casa da Moeda e chegou a destacar-se das restantes editoras, tanto entre os visitantes como nos meios de comunicação. A publicação convenientemente agendada do previamente mencionado livro *Marcelo, o Presidente* foi captada e reportada por diversos fotógrafos e *cameramen*, que a divulgaram em todos os canais de televisão generalistas em horário nobre, nos jornais de grandes tiragens e até em redes sociais. O livro teve uma ótima receção entre o público, o que foi explorado a fundo pela Alêtheia. Desde a interpelação do próprio Presidente pela ilustradora, que lhe ofereceu um livro em mãos perante o foco atento das câmaras, passando pela apresentação do livro na Fnac alguns dias mais tarde, tendo esta sido muito mais discreta, até uma entrevista na CMTV com a autora e a ilustradora, que chegaram a dar autógrafos na própria feira. De facto, tendo estado presente todos os dias, posso dizer sem sombra de dúvida que foi o livro mais vendido da banca e o mais divulgado e comentado do evento. Cheguei a tomar conhecimento de pessoas que se tinham deslocado a Belém precisamente para o adquirir, uma vez que o livro só estaria à venda nas livrarias duas semanas depois.

Em relação aos restantes livros, na maior parte dos casos, os preços colados com etiquetas coloridas nas respetivas capas correspondiam aos preços originais habitualmente arredondados às unidades para facilitar o troco, à exceção dos livros menos celebrados e que tivessem sido editados há mais de 18 meses. O preço destes últimos chegava a ser reduzido a metade para facilitar escoamento, o que acabava por resultar. As vendas decorreram com normalidade ao longo do fim de semana, através de um processo de registo e contagem um pouco rudimentares mas eficazes para o efeito.

De interessante reparo foi ainda a diferença evidente das dimensões dos espaços ocupados pelas editoras e grupos editoriais das mais variadas escalas. A banca da Leya ocupava talvez cinco mesas, a Zero a Oito três e a Alêtheia apenas uma. Esta nota de competitividade e hierarquia assumida fez com que o destaque do livro introduzido ao público nessa semana e consequente sucesso de vendas se tornasse uma vitória ainda maior aos olhos das fundadoras Zita Seabra e Alexandra Louro.

Um outro evento em que participei foi o lançamento do livro *Os Médicos, a Ópera e a História* da autoria do professor Antero Palma-Carlos, editado pela Ideia-Fixa, ao contrário do título anterior do autor, que exibia o nome da chancela Sinapis. Apesar do enquadramento aparentemente propício para a divulgação de uma obra dentro da temática que o título deixa adivinhar, este livro não alcançou o mesmo sucesso em relação ao anteriormente mencionado. A apresentação decorreu no dia 3 de setembro de 2018, data da inauguração do 46º Congresso da Sociedade Internacional para a História da Medicina, que no ano passado se realizou em Portugal para contrariar a regra, no *hall* de entrada da Faculdade de Medicina de Lisboa. Em frente à grande sala onde discursou o próprio Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa e deu uma palestra o professor Antero Palma-Carlos no contexto do tema «Medical Doctors and Opera», cerimónia que Hélia Castro fechou com um recital de ópera, aguardei várias horas que vedetas e espetadores descessem as escadas para se deparar com os livros do professor que tinham acabado de escutar, na esperança de que a temática tivesse agradado a uns e outros o suficiente para quererem adquirir um livro.

No entanto, principalmente porque grande parte da audiência era de origem estrangeira, motivo pelo qual todos os oradores falaram em inglês, foram vendidos pouquíssimos livros. Entre apelos em inglês com os mais variados sotaques a traduções para diversas línguas, os livros foram muitas vezes folheados e quase tantas voltaram a pousá-los no sítio. O próprio professor Antero Palma-Carlos passou de rajada pela mesa, conseguindo deixar apenas um autógrafo, dada a condição física consequente da sua idade avançada. O peso do fator da diversidade de idiomas estrangeiros, com que a editora não contara, refletiu-se no grande número de exemplares que foi devolvido à editora no dia seguinte.

## NÃO-FICÇÃO

O projeto para o qual dispensei mais tempo do meu estágio foi, sem dúvida, a coleção *O Essencial dos Reis de Portugal*, em colaboração com o jornal *Expresso*. Estive presente na produção desta coleção desde o início e foi desde o início que o *Expresso* pressionou a editora para que os prazos pretendidos fossem cumpridos, apesar das várias tarefas que tínhamos em mãos e das diversas etapas que este projeto exigia.

A coleção consiste numa adaptação de dois volumes da obra *Nobreza de Portugal e do Brasil*, cujo coordenador foi Afonso Zúquete. Nenhum dos interessados tinha os livros na sua posse, pelo que as funcionárias da Alêtheia os requisitaram na Biblioteca Camões, no Largo do Calhariz, onde iam prolongar a requisição periodicamente para que pudéssemos concluir o trabalho a que nos dispúnhamos. Depois, era preciso que alguém os digitalizasse página a página, com algum cuidado para que o texto fosse legível na imagem, o que só por si já nos tomava algum tempo.

Após a digitalização, a imagem em PDF teria de ser convertida para Word através de uma função do Adobe Reader denominada OCR (*Optical Character Recognition*), que consiste precisamente no reconhecimento dos caracteres em imagem para os transpor a um texto editável (Anexo 1). Esta operação provocou inúmeros erros de formatação e ortografia, a razão prendendo-se com os limites da tecnologia. Como tal, antes de mais, foi necessário limpar o texto, ou seja, fazer uma pré-revisão que consistia na correção dos pequenos lapsos do computador, que trocava vários «I»'s («i» maiúsculo) por «l»'s («L» minúsculo), vários «l»'s pelo numeral 1, vários «ri»'s por «n»'s e vice-versa, entre outros pequenos equívocos que exigiam a máxima atenção da nossa parte precisamente por serem difíceis de detetar à primeira vista. Por vezes, faltavam também fragmentos de texto que o programa não detetara como tal ou alguma página que por confusão não fora digitalizada, o que exigia que copiássemos o texto diretamente do livro para o Word sempre com a maior precisão. A disposição do texto no Word em caixas conforme a mancha da página a que correspondia na obra original dificultava mais o trabalho. No entanto, a várias mãos, a tarefa acabou por se realizar. A cada elemento foi atribuída uma parte do texto, como uma dinastia ou uma linha genealógica para trabalhar. Nesta fase, o objetivo foi apenas certificarmo-nos de que o texto se encontrava integralmente transcrito para permitir a sua compreensão e maleabilidade de trabalho, sem grandes preocupações a nível de adaptação da ortografia ao novo acordo ortográfico ou de interesse do conteúdo. Essa foi a etapa seguinte.

Ainda antes da paginação, foi feita uma rápida revisão dos vários documentos editados e efetuaram-se algumas alterações. Por motivo do limite de páginas imposto pelo jornal *Expresso* para que a impressão da nova edição não ultrapassasse o orçamento que lhe fora atribuído, alguns assuntos abordados na obra original foram eliminados, como é o caso dos parágrafos que tratavam as moedas e os selos dos diferentes reinados e, já após impressão do primeiro volume da coleção, da enumeração dos descendentes de cada rei e respetivos feitos. Para deixar o texto em conformidade com o novo acordo ortográfico de forma mais eficiente, foram utilizadas as ferramentas «Localizar» e «Substituir» do Word, no sentido de alterar palavras mais frequentemente utilizadas cuja grafia se alterara com a implementação desse acordo. Foi o caso dos pontos cardeais, cujas iniciais passaram de maiúsculas a minúsculas, tal como os dias da semana e os meses. No entanto, esta técnica também pode levar a pequenos erros. Por exemplo, num dos volumes, a palavra «domingo» surgia sempre com um «u» no lugar do «i» por descuido datilográfico. Torna-se assim evidente a necessidade de uma revisão mais cuidada.

O plano era que cada um dos oito volumes reunisse a biografia de metade dos reis de uma dinastia e os textos foram enviados assim agrupados para a paginadora da Várzea da Rainha. Ao contrário do que se pensava, após paginação dos primeiros volumes, tornou-se óbvio que alguns seriam muito mais extensos do que outros, pelo que esta ordem aparente teve de ser quebrada, sendo que a terceira dinastia foi integrada por completo num único volume e a quarta distribuída pelos três últimos. Ainda assim, verificam-se discrepâncias em termos de extensão dos volumes, já que o quinto volume integra pouco mais de 50 páginas, enquanto o último volume é composto por precisamente 200. Foram, no entanto, tomadas certas medidas pela paginadora para chegar mais próximo dum equilíbrio visual em termos de largura da lombada. Por exemplo, nalguns volumes menos extensos, nota-se a preocupação de começar os capítulos, isto é, a biografia de cada rei, em página ímpar, enquanto noutros essa regra foi ignorada para poupar papel.

Eu fiquei encarregue de efetuar a revisão de cada um dos volumes após a sua paginação. Estes chegavam com cerca de uma semana de espaçamento, durante a qual eram assinaladas as emendas em amarelo fluorescente no PDF e anotadas as alterações correspondentes em balões de comentário para depois as reenviar à paginadora, que as inseria (Anexo 2). Além dos erros de sintaxe e de ortografia, algumas das minhas principais preocupações prendiam-se com a assinatura da editora. Por exemplo, todas as



aspas elevadas ou inglesas (“ ”) tiveram de passar a aspas em linha ou portuguesas (« ») e em todos os números com mais de três dígitos a separação entre a centena e o milhar ou entre a centena de milhar e o milhão passaria a ser feita com um espaço em vez do ponto que prevalecia no texto original. Também as citações e excertos de documentos históricos me suscitaram algumas dúvidas, pois apesar de o texto se encontrar conforme o acordo ortográfico de 1990 alguns desses documentos apresentavam um português arcaico, embora compreensível, cuja autenticidade me pareceu enriquecer o texto, pelo que inicialmente não os adaptei à escrita atual. Isto até ser alertada de que teria de aplicar a nova ortografia a todo o texto, momento a partir do qual tive de escolher cuidadosamente que vocábulos e expressões retificar de modo a manter a veracidade do material originalmente reunido por Afonso Zúquete.

Na fase seguinte, recebia por *e-mail* o prefácio e o prólogo do volume revisto, respetivamente assinados por Henrique Monteiro e pelo comendador Marques de Correia. O primeiro sintetizava de forma sóbria os conteúdos do volume correspondente. O segundo comentava-os com muita ironia e traçava, em tom jocoso e crítico, um paralelismo entre os acontecimentos passados e os tempos atuais, como é próprio da sua personagem nas crónicas do *Expresso*, uma vez que o comendador se trata, na verdade, de um pseudónimo do jornalista. Estes pequenos textos chegavam-me em dois documentos Word, nos quais eram assinaladas as emendas com a ajuda da ferramenta do Office «Registar Alterações». Uma das maiores dificuldades foi manter a coerência entre as formas usadas no texto principal e respetivos prefácios e prólogos. Não foi tanto uma questão de ortografia como de linguagem ou nomenclatura. Por exemplo, o comendador Marques de Correia utilizou, no posfácio do sexto volume, expressões portuguesas para traduzir movimentos internacionais associados a *hashtags*, o que teve de ser alterado para a língua inglesa original, de forma que as organizações feministas em questão fossem intuitivamente reconhecidas pelo público leitor (Anexo 3). De qualquer forma, após primeira revisão, os textos eram adicionados ao princípio e ao final de cada volume já paginado. Havia então que verificar se as emendas tinham sido inseridas corretamente em todo o livro e se a adição destas e dos novos conteúdos não tinham desformatado o texto. Embora o principal objetivo fosse procurar e assinalar problemas de hifenização, sílabas que ficassem sozinhas em final de linha e prejudicassem o aspeto visual ou a fluência da leitura, e os chamados «dentes de cavalo», isto é, irregularidades no espaçamento entre palavras de linha para linha, eu aproveitava ainda esta nova oportunidade de revisão para verificar se havia mais

emendas a acrescentar no texto principal. Após estes últimos reparos, que seriam inseridos pela paginadora, o documento seguia para impressão.

Uma ou duas semanas depois, recebíamos o ozalide na sede da editora. A sua avaliação também era da minha responsabilidade. Contudo, nesta fase, seriam inseridas apenas as emendas que fossem consideradas indispensáveis. Os problemas de paginação eram sempre mais fáceis de detetar no formato físico e eram relativamente frequentes. Por vezes, a paginadora tinha deixado uma ou outra página por numerar ou a página onde se iniciava um capítulo não era a mesma que fora indicada no índice; outras vezes, no processo de impressão, havia segmentos de páginas mal situados. Ainda assim, aquilo a que se devia mais atenção era a capa e a contracapa. Na primeira, verificavam-se as datas, o número do volume, os nomes das dinastias, mas os erros eram raros. Houve apenas uma situação menos feliz que foi considerada demasiado superficial para ser digna de retificação, embora eu creia que o superficial é o apelo primeiro a que um cliente compre um livro. O *Expresso* deu à segunda dinastia a designação de «Aviz», nome este que se lia em letras grandes e a negrito na capa e na contracapa, embora ao longo de todo o livro, inclusive excertos do prefácio e do prólogo presentes na contracapa, seja usado o nome «Avis». Era precisamente na contracapa que havia mais alterações a fazer, uma vez que, no lugar de uma sinopse, eram utilizadas uma ou duas frases extraídas do prefácio e outras tantas do prólogo tal como tinham sido enviadas pelos respetivos autores inicialmente, isto é, sem as emendas propostas após revisão. Era imperativo eliminar as diferenças entre o texto da contracapa e o respetivo fragmento no interior do livro, até porque o primeiro apresentava frequentemente erros incontornáveis. Neste caso, não faria sentido assinalar as emendas no documento, até porque o ozalide permaneceria na editora. O procedimento era indicar por escrito as alterações necessárias e enviá-las numa pequena enumeração aos responsáveis por *e-mail* para que estas fossem inseridas.

Assim ficava concluída a parte da editora. Todo este processo foi repetido pelo menos oito vezes, havendo mais ou menos dificuldades ou facilidades num ou noutro volume. Embora me tenha sido atribuída a responsabilidade de toda a coleção, a comunicação com a paginadora, com o autor dos prefácios e dos prólogos e com os elementos do *Expresso* responsáveis não era feita diretamente comigo mas por intermédio da assistente editorial da Alêtheia, naturalmente porque a minha participação nos assuntos da Alêtheia foi desde o início vista como estritamente temporária. Embora este tenha sido, sem dúvida, o maior projeto que tive em mãos durante o estágio,

realizei e colaborei em muitos outros nos períodos em que o texto não estava nas minhas mãos, mas à espera de paginação ou mesmo de impressão.

Para a Sinapis, revi, em Word, o livro *Género em Educação*. As revisões para editoras *on demand* podem ser um grande desafio, uma vez que o autor não precisa de ter hábitos de escrita para exigir a publicação da obra; basta-lhe possuir os meios financeiros suficientes para o pagamento dos serviços inerentes à mesma. Apesar da pertinência e do interesse dos conteúdos deste livro, faltava-lhe qualidade literária ou talvez apenas facilidade de exposição dos factos de forma coerente e compreensível. No entanto, quando o autor paga para que o seu texto seja publicado, o mais acertado é tentar mantê-lo tão próximo quanto possível da linguagem original, ou seja, do modo de expressão escolhido. Como tal, foi uma revisão muitíssimo difícil, que incluiu a reformulação de frases completas redigidas originalmente num português, por vezes, tipicamente brasileiro ou demasiado coloquial, ao mesmo tempo, tentando manter-me fiel à forma original do discurso. No entanto, não cheguei a conhecer o fim desse livro, pois este não se encontra no *site* da Sinapis, pelo menos com o mesmo título.

Seguiu-se o índice onomástico do livro *Raymond Aron e a Guerra Fria*, um ensaio de teor antimarxista do autor Carlos Gaspar. Nas últimas páginas do PDF já paginado onde estava toda a sua obra, vários nomes estavam agrupados alfabeticamente. O meu trabalho foi criar um documento Word com uma lista desses nomes e, diante de cada um, as páginas em que eram mencionadas essas figuras ou os termos que tivessem os seus nomes como raiz etimológica, à exceção das páginas que correspondiam à bibliografia do livro, onde estes também podiam surgir como autores ou mesmo em títulos de outras obras (Anexo 4). As páginas em que surgiam os nomes das referidas personalidades eram detetadas através da ferramenta «Localizar», no menu «Editar» do Adobe Reader, que faz o mesmo efeito daquela com o mesmo nome no Word. Apesar de parecer simples, este trabalho levou algum tempo, porque implicava a pesquisa de cada nome de todas as figuras isoladamente, uma vez que um pequeno erro de soletração do último nome no corpo do texto podia torná-lo indetetável a não ser pelo segundo nome, por exemplo. Também as palavras derivadas, como «nietzschiana» (175), implicam uma pesquisa cuidada, já que algumas levam à eliminação da última letra do nome de que provêm, neste caso Friedrich Nietzsche. Mesmo assim, alguns dos nomes do índice onomástico não tinham qualquer referência no texto principal. O documento Word, assim que completo, foi enviado por *e-mail* à paginadora, que o integrou no miolo do livro. Para poupar custos de papel, tive indicações para mudar os

nomes de um por linha para texto corrido, o que roubou um pouco à orientação visual. *Raymond Aron e a Guerra Fria* foi um dos livros cuja revisão ficou a cargo do autor por falta de disponibilidade dos funcionários e estagiários da Alêtheia para essa função.

Entretanto, já o *Expresso* se preparava para novo projecto em conjunto com a Alêtheia. Do mesmo autor que nos facultara a informação sobre a realeza de Portugal, centenas de páginas descreviam as famílias da nobreza nacional por ordem alfabética. Várias horas foram despendidas para fazer o *scan* das últimas dezenas de páginas do segundo volume da longa obra de Afonso Zúquete. No entanto, a maior parte dessa informação estava no terceiro volume. Foi então preciso ir requisitá-lo também à Biblioteca Camões e, mais tarde, continuar o processo. No final da digitalização, tarefa que me coube, seria efetuado o OCR e, com mais ou menos semelhanças, repetir-se-ia o procedimento que fora utilizado para a coleção *O Essencial dos Reis de Portugal*.

Um dos títulos que deixaram Zita Seabra e Alexandra Louro muito confiantes foi *Winston Churchill na Madeira*, autoria de Miguel Albuquerque, um livro precisamente sobre a visita do mencionado político à Madeira no século XX. Esta foi uma das obras que revi. Não encontrei grandes dificuldades e aí se vê a diferença entre um autor que publica a pagamento e um autor experiente que é publicado por uma editora sob a sua aprovação. Este livro é essencialmente histórico, reportando as atividades de Churchill durante a sua estadia, incluindo a sua receção, despedida, impressões partilhadas, etc., mas contém também um leve toque de ficção através de um narrador onnipresente que fala de duas personagens inventadas e relacionadas entre si. O texto não era muito longo, porque uma boa percentagem das suas páginas seria ocupada por fotografias e imagens de cartas e outros documentos. O livro era essencialmente destinado a estrangeiros de visita às ilhas e a madeirenses orgulhosos.

O último trabalho que realizei durante o estágio foi a revisão do livro *Médicos, Músicos, Maçons e Ópera*, mais um título de Antero Palma-Carlos, publicado pela Ideia-Fixa. Esta obra foi um grande desafio. Em primeiro lugar, a obra estende-se ao longo de mais de 400 páginas em formato Word. Em segundo lugar, apresenta uma mancha gráfica muito peculiar. Apesar das dezenas de imagens implicarem que uma boa percentagem das centenas de páginas não constitui texto para rever, todas elas têm legendas e acrescentam o obstáculo da formatação. Por fim, a maior dificuldade prende-se com a coerência do texto. Esta obra apresenta várias citações e nomes estrangeiros e é muito importante que se utilize uma única tradução para cada um dos títulos das inúmeras peças mencionadas. O mesmo se pode dizer em relação à grafia dos nomes

dos respetivos compositores e intérpretes estrangeiros. O particular impacto da componente gráfica deste livro implica um maior cuidado no que diz respeito à distinção entre capítulos e subcapítulos, entre fragmentos de texto que tratam uma determinada ideia e as seguintes caixas de texto, contendo situações reais exemplificativas que comprovam as afirmações anteriores. Mais uma vez, é necessário prestar grande atenção à formatação e ao posicionamento de cada subtítulo, dependendo da forma como este se relaciona com o fragmento de texto anterior e com o seguinte. Tudo isto deu azo a que fossem assinaladas centenas de emendas ao longo das minhas últimas semanas na editora (Anexo 5).

## INFANTOJUVENIL

Muitos foram os projetos destinados ao público infantojuvenil nos quais colaborei, desde livros de primeiras palavras para bebês, passando por contos clássicos, até textos explicitamente educativos, entre outros. Todos eles foram cuidadosamente revistos. A revisão de textos infantis tem um peso diferente da dos restantes. Uma vez que o texto é tendencialmente mais curto, embora esse fator facilite a atenção pormenorizada por parte do revisor, qualquer pequena falha que escape ao seu olhar é muito mais facilmente captada pelo leitor e pode ser critério imediato para fazer ou descartar a compra do livro. Por outro lado, o caráter pedagógico inerente a qualquer livro para uma criança que esteja a começar a ler as primeiras palavras ou frases confere ao editor a responsabilidade de evitar que o pequeno leitor tome por certa qualquer palavra ou expressão que tenha finto a correção realizada pelo revisor.

A coleção *Conta-me uma História* foi editada na Alêtheia em acordo com a empresa de retalho Sonae, que engloba os hipermercados Continente, lugares propícios à venda de livros infantis. A autora dos títulos que constituem a coleção é Joana M. Lopes, autora do já referido e tão bem recebido livro *Marcelo, o Presidente*. Curiosamente, escreveu ainda o livro *De Onde Vêm as Bruxas?*, título também ele editado pela Alêtheia e vencedor do Prémio de Literatura Infantil do Pingo Doce, empresa de retalho que concorre diretamente com o Continente. Todos os livros que integram a referida coleção pertencem já ao folclore ocidental, incluindo contos dos irmãos Grimm, de Hans Christian Andersen ou da tradição portuguesa adaptados para idades entre os 3 e os 7 anos. De entre os mais que possam ter sido publicados entretanto, participei na edição dos seguintes: *Os Três Porquinhos*, *A Carochinha*, *Capuchinho Vermelho*, *A Casinha de Chocolate*, *O Patinho Feio*, *O Macaco do Rabo Cortado* e *O Príncipe com Orelhas de Burro*. O procedimento era relativamente comum a todos os casos.

A primeira revisão era feita em Word, habitualmente por mais de uma pessoa. Isto implicava que, depois, um dos elementos que efetuara a revisão a voltasse a realizar, dessa vez tendo em conta as emendas propostas pelos restantes revisores, e tomasse decisões definitivas sobre a pertinência de cada alteração, uma operação que pressupunha uma grande capacidade de imparcialidade por parte do responsável (Anexo 6). Algumas das maiores dificuldades desta fase prendiam-se com o estilo literário da própria autora. Esta adotava muitas vezes um ritmo repetitivo de prosa poética, ou seja,

uma pequena alteração na sintaxe de uma única frase poderia exigir que fosse feita a mesma alteração em todas as páginas que se seguiam. O paralelismo ritmado dos episódios das histórias implicava, muitas vezes, que se dissesse sensivelmente a mesma coisa de várias formas diferentes, o que obrigava a autora a recorrer a sinónimos e, como tal, utilizar palavras que estão fora do vocabulário corrente da maior parte das crianças de seis anos. Isto e o hábito da autora de esporadicamente usar expressões mais complexas deram o mote à criação de um glossário por cada livro com cerca de 15 palavras e expressões que surgissem no texto. Havia ainda que obedecer às instruções da diretora editorial, como é evidente. No entanto, Zita Seabra não conseguia aceitar o estilo quase de embalar da narrativa da autora e impunha que se eliminassem todas as rimas e aliteraões que não surgissem em verso, como se se tratasse de um texto para adultos, embora algumas fossem claramente propositadas. Dada toda esta precisão, não podia deixar de ser feita uma verificação científica dos factos que se destacassem na história. Por exemplo, no livro *O Patinho Feio* era referido que um dos ovos era maior e mais claro que os restantes, no entanto, visto que o protagonista que nasceria desse ovo era um cisne e os ovos de cisnes são, por norma, mais escuros do que os ovos de pato, também essa frase teve de ser corrigida.

Seguia-se a revisão do PDF já com as ilustrações criadas por Rita Martins. Nesta fase, havia menos espaço para sugerir alterações, as emendas assinaladas tinham de ser mínimas para mexer o menos possível com a mancha de forma a não interferir com a disposição das ilustrações, de manipulação mais difícil (Anexo 7). Certa vez, no livro *A Carochinha*, deu-se o caso de numa ilustração se ler uma mensagem que não correspondia totalmente ao que se citava no corpo do texto. Aí a solução foi alterar a mensagem presente no corpo do texto e manter a ilustração, por exemplo.

Daí a uma semana ou pouco mais, recebíamos os ozalides, exemplares em papel regular com algumas páginas para testes de cor já no papel em que o livro seria impresso. Uma vez que, por vezes, os tons no ecrã não são exatamente iguais aos que resultam da impressão em papel, algumas páginas do livro *A Casinha de Chocolate* que correspondiam ao período da história que decorria durante a noite tiveram de ser alteradas para um tom menos escuro para que se percebessem os contornos da floresta ao fundo mesmo sem luz a incidir diretamente. Nesta fase, também era preciso rever o texto, mas as emendas a inserir seriam apenas as estritamente necessárias, como erros ortográficos, gramaticais ou de sintaxe, pois os livros já se encontravam na gráfica prontos a imprimir e a inserção de emendas implicaria nova paginação. Foi o caso do

livro *Os Três Porquinhos*, uma vez que a diretora fizera cortes na história para reduzir o texto já após a revisão do texto paginado, o que provocou incoerências nalgumas formas verbais que tiveram de ser corrigidas. O livro seguia então para impressão.

A coleção *À Descoberta* foi uma das produções mais complexas do período em que estagiei. Era constituída por vários livros de índole pedagógica que diziam respeito às mais diversas matérias com os seguintes títulos: *À Descoberta da História de Portugal*, *À Descoberta dos Astros*, *À Descoberta do Atlas* e *À Descoberta do Corpo Humano*, com ilustrações de Bolota e texto de José Feitor, à exceção do primeiro livro mencionado, cujo texto é da autoria de Teresa Gaspar. Estes livros eram direcionados a uma faixa etária ligeiramente superior – entre os 6 e os 10 anos. Espera-se que a partir destas idades as crianças se comecem a interessar pelos temas aí tratados, a procurar respostas acerca do que as rodeia e a compreender a informação aí contida.

Estes textos chegavam à editora paginados, embora nem sempre tivessem as respetivas ilustrações, e era feita a revisão em PDF. Havia que verificar cada dado histórico ou científico recorrendo às fontes mais diversas e certificadas que se encontrassem na Internet (Anexo 8). Se um desses dados fosse origem de divergência entre especialistas, era preciso verificar que opinião prevalecia. O mesmo ocorria com as ilustrações, que muitas vezes surgiam em forma de esquemas ou diagramas explicativos, facultando tanta informação relevante e suscetível de engano como o texto. No livro *À Descoberta da História de Portugal*, por exemplo, surgiram dúvidas sobre a localização do Cabo Bojador numa ilustração que representava o globo terrestre e as rotas dos navios portugueses durante os Descobrimentos, pelo que a ilustração teve de ser ligeiramente alterada.

Dada a quantidade de informação que precisava de ser verificada nestes textos, era frequente que, a sugestão de Zita Seabra, as quatro estagiárias da Alêtheia revissem o mesmo texto tendo em consideração a volatilidade dos dados científicos. Depois reuníamos-nos para inserir as emendas de cada uma num único documento e debater a opção mais acertada para cada situação que pudesse provocar divergências de opinião. Desta forma, era mais fácil garantir a qualidade de revisão tanto em termos de língua portuguesa, como de legitimidade dos dados científicos. Foi o caso do livro *À Descoberta dos Astros*.

Para melhor esclarecimento do público-alvo desta coleção, por vezes, era sugerido por Zita Seabra o acrescento de algumas páginas sobre conteúdos específicos e próprios do tema que cada livro tratava. O livro *À Descoberta do Atlas* trazia nas



últimas páginas uma lista com as bandeiras de todos os países. No entanto, era necessário confirmar se todos os locais por aquelas bandeiras representados se encontravam na lista dos 193 países aprovados pela ONU e se o desenho das mesmas estava correto, organizar alfabeticamente esses países, agrupá-los por continentes, associar-lhes as respectivas capitais e rever a grafia atribuída à designação de cada país. Após confirmação na página oficial da Organização das Nações Unidas, verifiquei que estavam em falta alguns países e outros, como a Palestina, figuravam nas páginas do documento PDF sem efetivamente terem sido aprovados como tal pela Organização das Nações Unidas<sup>1</sup>, pelo que havia bandeiras a retirar e outras a acrescentar. Por sugestão de Zita Seabra, a grafia dos países na língua portuguesa foi revista de acordo com a designação que cada um tem na respetiva embaixada ou no seu consulado em Portugal. Algumas bandeiras não apresentavam o tom de cor exatamente correspondente aos verdadeiros símbolos dos países mas esse é um pormenor que poderia apenas fazer diferença após a chegada do primeiro ozalide, uma vez que a cor pode variar bastante da ilustração em ecrã para a página impressa. No entanto, havia elementos de algumas bandeiras que se desviavam ligeiramente da sua posição original e aí havia realmente motivo para reparo. As bandeiras estavam inicialmente dispostas pela ordem alfabética dos países na grafia inglesa, embora estes se encontrassem na língua portuguesa, pelo que a sua correta ordem foi posta de parte, assim como a respetiva agrupação por continentes, visto que exigiria mais alterações da parte da editora e paginadora do que aquelas para as quais haveria tempo suficiente. Também a adição das capitais dos países acabou por ser abolida do projeto por motivos de espaço e paginação, apesar da longa pesquisa que foi necessária para as reunir.

Numa outra situação, para adicionar informação ao livro *À Descoberta do Corpo Humano*, que a tinha em menor quantidade em relação aos restantes títulos da coleção, foi-me pedido que desenvolvesse um glossário com cerca de 40 palavras. Aqui a editora e eu deparámo-nos com uma disparidade de conceitos. Zita Seabra preferia que as palavras definidas fossem termos que não se encontrassem no texto, pois essas os leitores entenderiam pelo contexto, enquanto eu achava que devíamos colocar no

---

<sup>1</sup> Embora a exclusão da bandeira da Palestina possa parecer uma tomada de posição política radical, nenhum dos elementos da equipa editorial responsável pela composição das páginas finais desse livro quis com isso demarcar a sua opinião. O único motivo foi o de estabelecer e obedecer a um critério único e aparentemente legítimo. Neste caso, qualquer decisão poderia ser considerada polémica, pois abrir uma exceção para Palestina seria possivelmente visto como uma manifestação contra Israel. Tivéssemos tido mais algum tempo para refletir sobre o assunto e talvez fosse possível encontrar uma solução mais justa, mas não foi esse o caso.

glossário palavras que estivessem no texto para que os leitores pudessem consultar a sua definição nas últimas páginas e assim mais facilmente construir em pensamento as situações explicadas ao longo do livro. Ambas as partes reconheceram a validade dos contra-argumentos apresentados, pelo que o compromisso foi que metade das palavras do glossário seriam retiradas do texto do livro e as restantes seriam palavras que o não integravam. O glossário foi realizado num documento Word e enviado para a paginadora que o acrescentaria ao miolo em PDF. Neste caso, as palavras estavam listadas por ordem alfabética com a respetiva definição à frente de cada uma numa linguagem simples (Anexo 9).

Com alguma proximidade do conceito de glossário, mas ainda assim bastante afastado do género dos livros infantojuvenis até aqui realizados, surgiu um outro projeto. Tratava-se de um primeiro dicionário português-inglês lançado em conjunto com os CTT – Correios de Portugal. Andreia Cunha, assistente editorial e minha orientadora de estágio, reunira já várias palavras com a respetiva tradução, sendo que a ideia inicial da editora seria ter dez palavras por cada letra. No entanto, por motivos de paginação, foi-me pedido que fossem acrescentadas mais algumas palavras.

As palavras traduzidas neste pequeno dicionário bilingue teriam de obedecer a critérios muito específicos. Em primeiro lugar, uma vez que a produção do livro teria o patrocínio e a divulgação dos CTT, teriam de estar presentes tantas palavras relacionadas com os serviços de correios quantas fosse possível, como «caixa de correio – mailbox» ou «postal – postcard». Em segundo lugar, convinha que todas estas palavras, ou pelo menos a sua grande maioria, fizessem parte do grupo lexical das temáticas abordadas no ensino de inglês do primeiro ciclo, de acordo com o programa curricular do Ministério da Educação, ponto este que foi reforçado pela diretora e me obrigou a uma pesquisa nesse sentido. Por outro lado, mais uma vez surgia a questão da coerência e da consistência dos conhecimentos a transmitir, isto é, uma vez incluído o termo «terça-feira», eu teria de me certificar de que seriam incluídos no dicionário todos os dias da semana, o mesmo se passou com os números de zero a dez, com os meses e as estações do ano e com os laços familiares mais próximos (irmãos, pais, primos, tios, avós). Algumas questões exigiam um pouco mais de sensibilidade. Por exemplo, no primeiro documento que me chegou constavam os termos «homem – man», pelo que me vi imperiosamente compelida a incluir a tradução do termo «mulher», apesar de este último poder ser considerado uma variação de género do primeiro.

Este trabalho não podia deixar de implicar uma componente de revisão, pelo que a correção ortográfica foi obviamente uma prioridade. Corrigi ainda algumas traduções, para que a exposição da informação fosse feita de forma tão clara quanto possível às crianças. Inicialmente, por exemplo, lia-se a tradução «erva – grass». Contudo, uma vez que a tradução literal de «erva» é *herb*, ambos conceitos que já de si não dizem muito ao nível etário em questão a não ser no sentido de culinária, que na maior parte dos casos não dominam, e que a leitura do termo em português poderia sugerir aos pais das crianças alguma ambivalência, visto que essa palavra é correntemente utilizada para designar as folhas da planta canábica, que apesar da atual campanha de banalização para usos medicinais poderia suscitar alguma desaprovação, sugeri que se trocasse a entrada «erva – grass» para a correspondência mais autêntica e apropriada «relva – grass».

Todo este trabalho foi realizado num documento *online* com o programa gratuito Sheets, integrado no Google Drive (Anexo 10). Este é um programa semelhante e compatível com o Excell do Microsoft Office. Desta forma, foi possível à equipa de edição aceder ao mesmo documento através do *e-mail* e detetar facilmente as edições de cada utilizador, que surgem assinaladas a cores diferentes para, precisamente, ser possível distinguir quem as insere. O livro seria, mais tarde, paginado e ser-lhe-iam adicionadas ilustrações.

Revi ainda dois livros para bebés entre um e três anos da coleção *bê-Á-bá*. Estes são evidentemente muito simples, contendo apenas uma palavra por página e uma ilustração correspondente ao objeto designado. De certa forma, podem também considerar-se dicionários. Por outro lado, a responsabilidade é acrescida, pois qualquer mínima falha seria imediatamente notada. Estes livros seriam impressos em formato quadrado e em cartão no lugar de papel para resistir às brincadeiras dos pequenos.

## PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Além das minhas funções de revisão e tratamento de texto, foi-me confiada, mais do que uma vez, a responsabilidade de produzir o conteúdo dos próprios livros de raiz. Em todos os casos, foram livros para o público infantojuvenil. A partir de algumas indicações e referências facultadas pela editora, nomeadamente livros previamente editados sobre o mesmo assunto ou no mesmo formato, e de pesquisa *online* por conta própria, cheguei a redigir textos para alguns livros.

A editora pretendia que fosse criada uma coleção cuja personagem principal fosse Stamp, o Cão Detetive, nome que foi escolhido especificamente porque o projeto nasceu de um acordo entre a Alêtheia e os CTT e *stamp* é a palavra inglesa para selo. Zita Seabra definiria as linhas base da narrativa e nós teríamos de desenvolver o resto do texto. Visto que a ideia surgiu em meados de outubro, o desfecho inicial da narrativa prendia-se com a época natalícia, mas, no sentido de rentabilizar o livro durante um período de maior duração, a festividade comemorada no livro passou a ser o aniversário do protagonista e, na sequência de um *brainstorming* coletivo, definimos o título da obra – *Stamp e o Cheiro Misterioso*. Uma das estagiárias reuniu-se com a diretora para colocar por escrito a linha narrativa pensada pela editora. A estagiária redigiu o texto que poderia a partir daquelas linhas orientadoras e enviou-mo para revisão.

Uma vez que o livro deveria ter um formato semelhante aos da coleção *Conta-me uma História*, foram adicionados alguns episódios e novos diálogos para que o texto tivesse uma extensão de 29 páginas. Este acrescento teve uma componente menos descritiva e mais humorística, no sentido de delinear o carácter das personagens, de cativar as crianças a ler e de as divertir enquanto o fazem (Anexo 11). A sensibilidade dos leitores previstos foi uma preocupação da parte de todas. Por exemplo, a certo ponto, considerámos acrescentar um seguimento narrativo em que o Stamp comeria um bolo de chocolate. Contudo, este alimento pode ser fatal para a espécie em causa. Por isso, e apesar de mencionarmos algumas consequências menos boas para o animal, de forma a dissuadir as crianças de oferecer chocolate aos animais de estimação, substituímos o bolo de chocolate por um queque de noz, que também lhe cairia mal no estômago, pois embora qualquer doce seja prejudicial à saúde dos cães este último representa um risco inferior. A necessidade de alongar a extensão do texto obrigou-nos a atribuir-lhe um padrão cíclico semelhante aos da coleção da autoria de Joana M. Lopes, embora não tão repetitivo em termos de linguagem e exposição dos episódios.

Após várias revisões e adições por parte de todas as estagiárias presentes na sede da Alêtheia em documentos Word que viajavam repetidamente pelos respetivos endereços de *e-mail*, o texto final foi enviado para a ilustradora Vanessa Alexandre. Uma vez ilustrado e paginado, o livro foi-nos enviado para nova revisão e nele assinalámos as correções mínimas necessárias para que este prosseguisse para impressão (Anexo 12).

Também em cooperação com os CTT, a editora desenvolveu um livro de lengalengas e trava-línguas. Dado o formato padrão dos livros infantis da editora, foi reunido um total de 65 lengalengas e trava-línguas de forma a ocupar as habituais 29 páginas com as ilustrações que seriam depois adicionadas (Anexo 13).

Nestas 65 expressões estão incluídas duas lengalengas escolhidas especificamente para ocupar as guardas, uma delas de tom introdutório para o início do livro e outra em tom conclusivo para o final. Em relação a esta última lengalenga, a proposta inicial foi uma lengalenga que mencionava um bispo, contudo, uma vez que Zita Seabra considera que a Alêtheia já é demasiado associada a livros de conteúdo religioso, foi necessário alterar para uma outra mais neutral. Desta forma, é nas guardas que se encontram duas das lengalengas portuguesas mais conhecidas tanto por avós como por netos, de modo que ambos sejam impelidos a folhear mais um pouco após esta leitura inicial tão curta e familiar que dificilmente os deixaria indiferentes.

Apesar da riqueza da língua e cultura portuguesas, dado o grande número de dizeres populares que implicava a criação deste livro e respetivas variações entre os diferentes pontos do país, o texto não foi integralmente transcrito tal como é conhecido na tradição oral portuguesa. Nalguns casos, tive de juntar numa só muitas variações da mesma lengalenga ou mesmo de optar por uma, fosse ela a mais conhecida ou a mais melódica. Alguns dos trava-línguas presentes no livro correspondem a traduções adaptadas da tradição espanhola, uma vez que a proximidade dessa língua em relação ao português facilita que na tradução portuguesa se mantenha o efeito de aliteração próprio dos trava-línguas. Por uma questão de sensibilidade, sob indicação da diretora, algumas das lengalengas e alguns dos trava-línguas portugueses tiveram também de ser adaptados ou reduzidos. Por exemplo, o primeiro verso de uma lengalenga que começava por «Tia Anica Marreca» foi alterado para «Tia Anica da Charneca».

Uma vez que este livro também seria vendido nas estações dos correios e que a ilustradora seria a mesma que desenhou e coloriu a história anteriormente mencionada, qualquer objeto mencionado nalgum dos dizeres que tivesse sido graficamente

representado no livro *Stamp e o Cheiro Misterioso* teria a mesma representação nesta coletânea da tradição oral, de forma que cada um dos livros publicitasse o outro. Desta vez, o texto ficou totalmente sob a minha responsabilidade, pelo que após reunidos os trava-línguas e as lengalengas, uns em prosa e outros em verso, o texto foi revisto e uniformizado por mim, com letra Times New Roman 12 e alinhamento à margem direita da página ou mais próximo do centro alternadamente para que se distinguíssem uns dos outros no documento Word, e seguiu diretamente para ser paginado e ilustrado após aprovação de Zita Seabra.

Mais desafiante revelou-se um terceiro projeto que reunia as biografias de quinze das figuras femininas que mais se destacaram na História a nível mundial e se destinava, também ele, ao público infantojuvenil. O livro chamava-se *Mulheres que Mudaram o Mundo* e chegou-me já com algumas das biografias redigidas por uma estagiária que trabalhara para a Alêtheia anteriormente e algumas das personalidades já representadas em ilustrações de Rita Martins. Foi o caso de Frida Khalo, de D. Antónia Ferreira e da rainha de Portugal D. Leonor, cujos textos revi (Anexo 14).

O passo seguinte foi desenvolver as biografias que restavam, cada uma entre as dez e as quinze linhas (Anexo 15). Para o efeito, foram-me facultados alguns materiais em papel, nomeadamente as biografias em livro de Malala Yousafzai e de Madre Teresa de Calcutá, que tinham sido produzidas anteriormente para o Pingo Doce. De resto, recorri a pesquisas *online* algo demoradas, de modo a poder cruzar fontes em diferentes línguas para me certificar da autenticidade dos factos relatados. Uma das tarefas mais difíceis foi precisamente resumir vidas tão ricas em tão pouco texto, principalmente tendo em conta que um dos meus objetivos era contar pelo menos um episódio divertido, interessante e que revelasse a força de carácter das personagens mas também as origens frequentemente humildes de cada uma das heroínas retratadas, não só para cativar o interesse das crianças, mas também para demonstrar que, independentemente das raízes de cada um dos leitores, qualquer um pode alcançar tamanho sucesso. Por outro lado, foi bastante difícil estabelecer um fio condutor ao longo da exposição da vida de cada mulher retratada, já que alguns dos episódios que fazem a ligação com os seguintes são demasiado complexos para explicar em pormenor a crianças mas também demasiado relevantes para que se justifique a sua omissão, como os acontecimentos políticos que fizeram parte da vida da famosa Cleópatra e mudaram o rumo da História com repercussões na atualidade ou algumas escolhas menos aconselháveis tomadas pela talentosa Ella Fitzgerald que decorreram das suas condições familiares e económicas.

Foi-me ainda lembrado pela editora de que deveria incluir nos textos tão poucas referências à religião quanto possível, o que pode ser considerado no mínimo complicado quando uma das primeiras biografias que redigi foi a de Madre Teresa de Calcutá. Por esse motivo tive de ocultar aspetos que me pareciam incontornáveis para uma apresentação clara da missionária, como o facto de que ela foi santificada tão poucos anos após a sua morte.

Embora fosse o livro que me estava a dar mais gosto desenvolver, este é um projeto que tive de deixar a meio, dado que me alertaram para a prioridade de outros que me tomaram todo o tempo até ao final do meu estágio. Por concluir ficaram as biografias de cinco mulheres e as ilustrações de treze delas. Ainda assim, consegui a aprovação de sete dos textos por parte de Zita Seabra, além dos três que foram formulados antes de eu chegar à editora.

## TAREFAS E APRENDIZAGENS COMPLEMENTARES

Além dos trabalhos efetuados em contacto direto com o texto, foram-me confiadas, como não podia deixar de ser, algumas das funções próprias de um estágio, nomeadamente tarefas simples e que requerem pouca experiência, desde recados como a entrega ou o levantamento de documentos importantes a uma ida ao supermercado para comprar gelados num dia de calor em Lisboa. Dentre estes, destaco os que se seguem e que creio terem contribuído mais para a aquisição de conhecimentos respeitantes à edição e à gestão de uma editora.

Muito pouco tempo após iniciar atividade na Alêtheia, foi-me delegada a responsabilidade de enviar todas as terças-feiras um *e-mail* para cada um dos membros da equipa com os *tops* ficção e não-ficção da Fnac, da Bertrand e da Wook, para que todas nos mantivéssemos informadas dos livros que realmente alcançavam os primeiros lugares, no sentido de trabalharmos para o efeito, e também para estarmos a par dos movimentos das editoras concorrentes. Este *ranking* e os dados dos livros aí incluídos (títulos, autores, editoras e datas de publicação) eram obtidos diretamente a partir do *site* de cada uma das respetivas empresas.

Fiquei responsável também por atender o telefone na ausência das restantes colaboradoras. O meu papel nessa função era, no entanto, apenas de intermediária, uma vez que não tinha informação suficiente para responder com certeza à maior parte das dúvidas que me colocavam os remetentes dos telefonemas e que Zita Seabra me proibira de divulgar qualquer informação sobre a empresa por essa via. Como tal, eu acabava por poder apenas assentar por escrito as mensagens que me deixava quem telefonava e transmiti-las à pessoa que me parecesse mais conveniente de acordo com o tema da conversa. Por exemplo, se o remetente fosse alguma das paginadoras com dúvidas em relação a um livro em específico, o recado seria deixado à assistente editorial, que contacta diariamente com as mesmas. Se, por outro lado, se tratasse de um cliente com dúvidas em relação a encomendas ou a compras *online*, o recado seria dirigido à ilustradora, que estava encarregada da gestão do *site* da editora. Caso se tratasse de comunicação social para entrevistas em relação ao lançamento de algum livro, por exemplo, as indicações eram de guardar o contacto do remetente para depois comunicar a uma das fundadoras. O telefonema seria ou não devolvido conforme a relevância que lhe atribuísse o recetor da informação.



Grande parte destas tarefas implicava deslocações para lá das instalações da Alêtheia. Além das vezes em que me foi pedido que fosse a um dos bancos das proximidades para trocar notas altas por outras mais baixas e por moedas para haver troco nas apresentações dos livros no momento da sua venda, eu saí várias vezes para fazer entregas ou levantamentos de livros ou outros documentos. Por vezes, dirigia-me ao posto dos correios mais próximo mas a maior parte das vezes as entregas eram feitas pessoalmente. Cheguei a ir a casa dos próprios autores entregar livros da sua autoria e a sedes de órgãos de comunicação social para divulgação dos livros editados pela Alêtheia, como o *Observador* ou a CMTV. Fui encarregada de outros empreendimentos mais relevantes para a editora, como a circulação de documentos importantes. Por duas vezes me desloquei ao edifício da empresa de capital de risco NAVES, para recolher assinaturas de João Horta, representante dessa mesma sociedade que após breve pesquisa percebi tratar-se de uma empresa que investe em *start-ups*, o que levanta um pouco do véu sobre aquelas que julgo serem as origens da Alêtheia. O acesso direto a este tipo de documentos permitiu-me perceber não só como estão distribuídas as ações da editora mas também uma pequena percentagem da sua história.

Felizmente, tinha ainda uma orientadora extremamente atenciosa que, por vezes, se disponibilizava a explicar alguns aspetos do funcionamento interno e externo de uma editora, o que também me deixou mais esclarecida no que diz respeito à dinâmica do mundo editorial e da Alêtheia em particular. Foi graças a ela que aprendi quais as diferenças práticas entre a impressão digital e a impressão *offset* que já referi e também quais os passos necessários para colocar um livro no mercado livreiro, desde a ficha de prospeção, passando pela divulgação dos exemplares pela distribuidora para angariar pontos de venda, até à recolha dos 60% do PVP de cada livro que seguem para a editora. Desta forma, tornaram-se mais evidentes as dificuldades de sustentar uma editora independente, pois essa percentagem relativamente pequena do dinheiro que chega à editora tem de ser suficiente para pagar os serviços aos funcionários que participam na produção do livro, os custos de impressão e de distribuição e a renda do espaço que ocupa a sede da empresa, entre outras despesas incontornáveis.

## CONCLUSÃO

A dinâmica de uma editora independente, ou pelo menos da Alêtheia, funciona à base da constante busca por soluções e alternativas à medida que vão surgindo os desafios. À falta de recursos financeiros para contratar funcionários, aceitam-se estagiários já com alguma formação mas que não exijam remuneração; à falta de tempo para revisão de um texto para publicação, esta é deixada à responsabilidade do escritor quando há confiança na sua experiência; as tarefas são atribuídas a quem estiver menos ocupado e nem sempre a quem tiver o perfil mais adequado. Este modo de funcionamento não deixa quebrar o ritmo de trabalho mas nem sempre culmina na melhor qualidade de edição.

Por outro lado, para efeitos de aprendizagem em estágio, a variedade de funções exercidas, consequente da incapacidade de ter uma só pessoa responsável por cada departamento ou etapa, torna a experiência muito mais enriquecedora. Todos os dias podiam passar pelas nossas mãos novos projetos que nos proporcionavam oportunidades de aprender e executar novas funções para os mais variados géneros literários, desde a revisão de livros sobre a diferenciação de géneros na educação no contexto de diferentes culturas à produção de conteúdos ficcionais para livros infantis.

Tudo isso me tem sido muito proveitoso no mundo profissional, embora eu própria ainda esteja a construir o meu caminho para encontrar um lugar no mundo editorial. Enquanto livreira numa cadeia de livrarias relativamente conceituada, a Almedina, tenho um contacto próximo com editoras e capto padrões de que me comecei a aperceber na Alêtheia. De facto, raro é o livro que chegue ao *top* de vendas que não se insira num dos grandes grupos editoriais do país, Porto e Leya, independentemente da qualidade de conteúdo dos restantes títulos. É frequente que em livraria tentemos dar a estes últimos algum destaque, quando consideramos que eles podem e merecem realmente ser apreciados, o que chega a fazer alguma diferença, demonstrando a influência das livrarias na conjuntura atual. Ainda assim, compreende-se a vantagem de vender em estabelecimentos como hipermercados ou postos de correio, uma vez que um maior número de pessoas se dirige a estes locais com grande frequência no âmbito das suas rotinas diárias. Enquanto revisora da Cordel d'Prata, uma editora mais recente e ainda a tentar afirmar-se no mercado, publicando livros com o objetivo de lançar novos autores portugueses, reconheço facilmente a experiência na escrita ou a sua ausência, da

mesma forma que, após a leitura dos primeiros parágrafos, não precisaria de olhar para a lombada para saber que livro fora publicado pela Alêtheia ou pela Sinapis.

Na sua constante busca por sucesso e aprovação, é fácil que uma editora independente se perca da sua linha editorial e de um certo nível de qualidade dos livros em função de produções em grandes quantidades para obter uma margem de lucro superior e mais certa por trabalhos apressados sob a orientação de grandes empresas que não se preocupam com o conceito inicial da editora desde que as instruções e os prazos sejam cumpridos. A contradição adjacente a uma crescente dependência de grandes companhias tanto pode desacreditizar a Alêtheia como levar a marca a um público mais alargado e propiciar-lhe o lucro necessário a um investimento que tenha em vista melhorar a qualidade dos seus livros. Pessoalmente, fico muito satisfeita quando vejo edições da Alêtheia chegarem à livraria, apesar das inconveniências relativas aos negócios com este tipo de loja apontadas pelas diretoras editoriais, evidenciando uma certa esperança no futuro e também um respeito mútuo que considero essencial entre editoras e livrarias.

Denota-se ainda uma preocupação constante em relação à imagem que a Alêtheia passa para o público. Este é um critério que, se por um lado incentiva a um maior cuidado no processo de edição, por outro, em exagero, limita a liberdade de publicação. Após as publicações de vários livros que tratavam assuntos ligados à Igreja, como *O Padre de Savimbi* (2017) e *Nós, os Padres* (2018), as fundadoras recearam que o público estava a começar a associar a editora a temas religiosos e tomou medidas drásticas, como a omissão da vertente religiosa da biografia de Madre Teresa de Calcutá e de palavras desse campo lexical em lengalengas da tradição oral portuguesa. Até a contestação da rima na prosa infantil por não seguir um modelo clássico de estrutura e apresentação textual tem a ver com essa ânsia de aceitação pelo público, que chega a manifestar-se como um certo medo de inovar. Nas palavras de Roland Barthes, “Existe pois um impasse da própria sociedade: os escritores de hoje sentem-no – para eles, a procura de um não-estilo, (...), é em suma a antecipação de um estado absolutamente homogêneo da sociedade” (72). Ora se os escritores o sentem, os editores também.

Assim, num movimento de verdadeira *aletheia*, fica o véu levantado sobre uma editora de tronco frágil mas em crescimento, já com dois ramos a querer firmar-se, numa floresta editorial onde árvores grandes e vistosas tentam tapar o Sol às restantes. Talvez o segredo para ver brotar as flores mais belas esteja mesmo nesses pequenos raios de luz que deixam passar por não lhes darem importância.

## BIBLIOGRAFIA

Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Navegações*. Lisboa, Caminho, 1996.

Barthes, Roland. *O Grau Zero da Escrita Seguido de Elementos de Semiologia*. Lisboa, Edições 70, 1973.

Benjamin, Walter. *Linguagem, Tradução, Literatura*. Porto, Assírio & Alvim, 2015.

Benjamin, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa, Relógio D'Água, 1992.

Coutinho, Isabel. “Livros à Medida das Nossas Necessidades.” *Público*, 12 de abril de 2010, p.65.

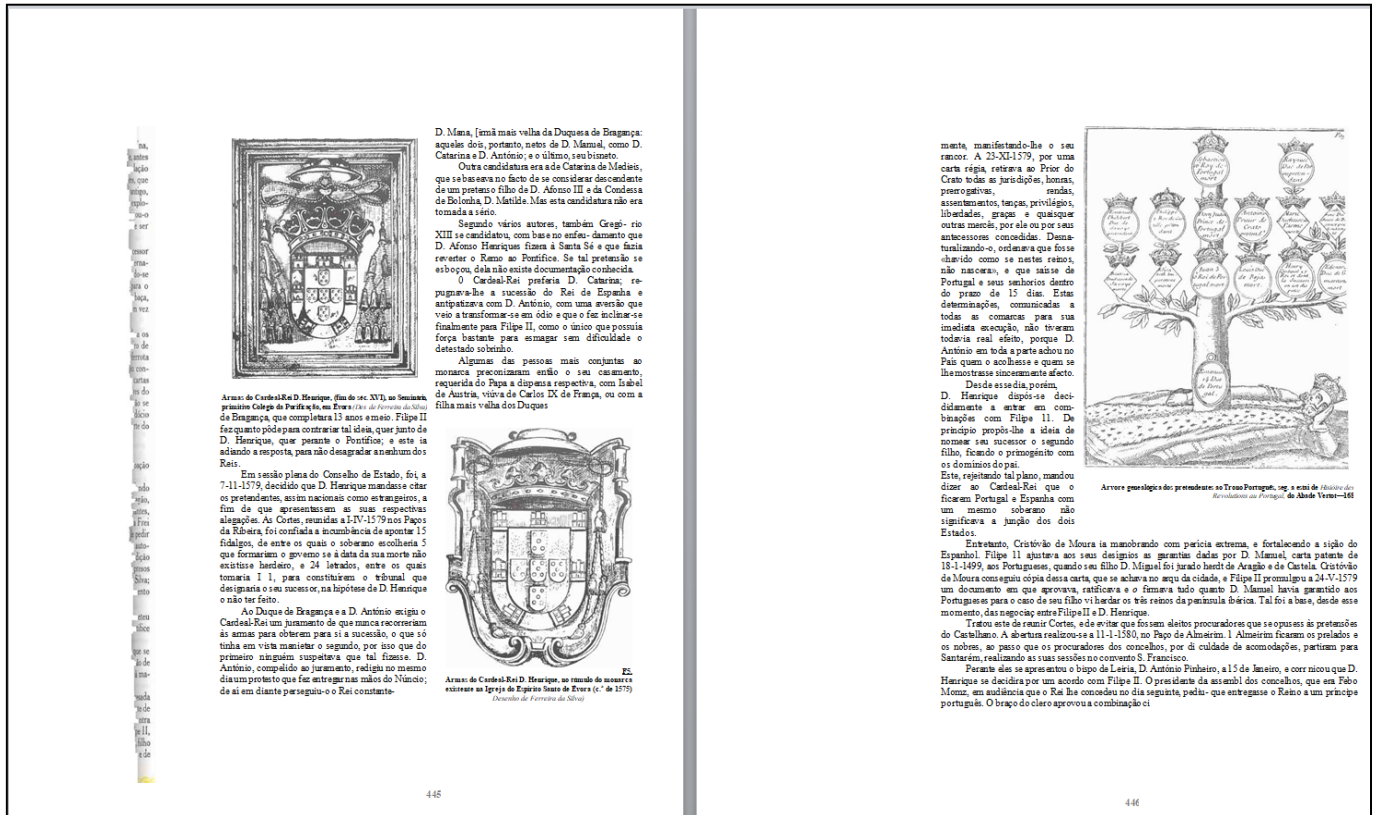
Faria, Maria Isabel e Maria Graça Pericão. *Dicionário do Livro – Da Escrita ao Livro Electrónico*. Coimbra, Almedina, 2008.

Madaíl, Fernando. “Zita Seabra – Queria Ser Bailarina e Acabou Política.” *Diário de Notícias*, 16 de junho de 2007, <https://www.dn.pt/gente/perfis/interior/zita-seabra-1056185.html>. Acedido a 27 de março de 2019.

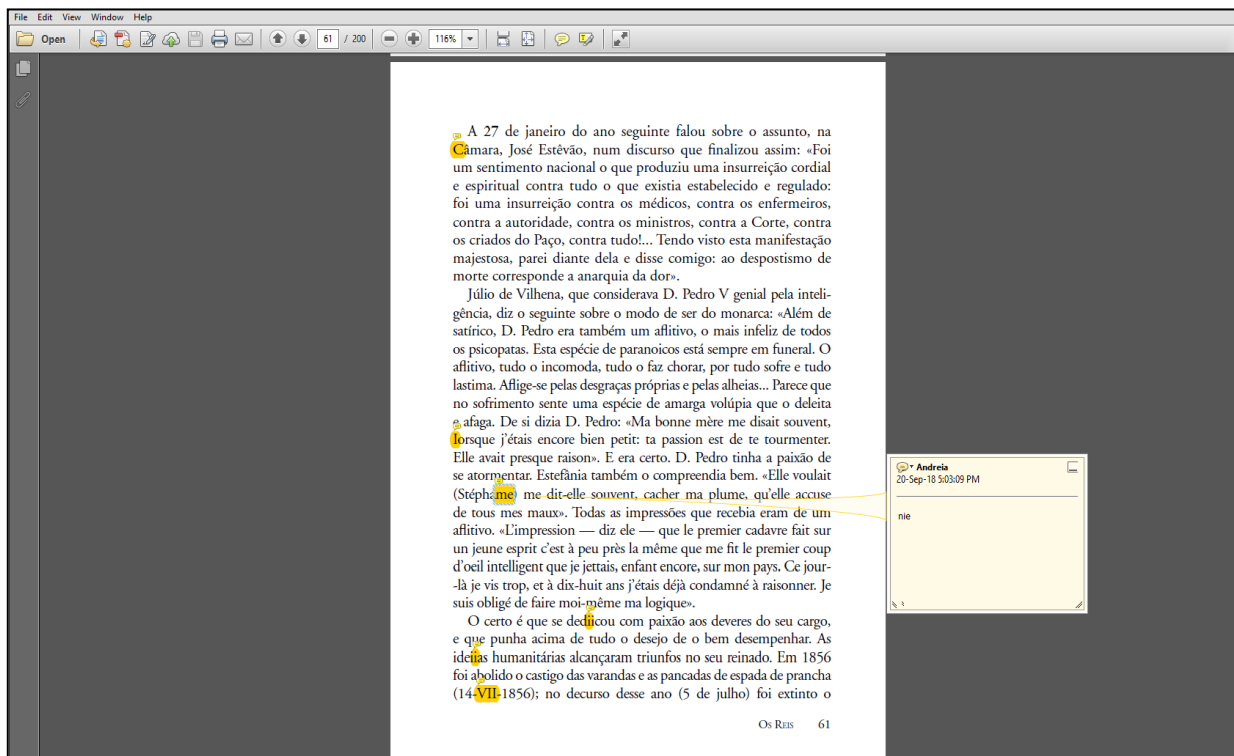
“Naves – Sociedade de Capital de Risco S.A.” *Racius*, <https://www.racius.com/naves-sociedade-de-capital-de-risco-s-a/>. Acedido a 27 de março de 2019.

## ANEXOS

### Anexo 1 – OCR



### Anexo 2 – Volume VI revisto em PDF



## Anexo 3 – Posfácio do volume VI revisto em Word

E volta a trapalhada...

Depois do interregno dos Filipes, que se caracterizou por ter interrompido uma coisa, como todos os interregnos (embora os espanhóis sejam sempre-particularmente bons a interromper coisas, como se sabe), voltaram os portugueses ao trono de Portugal. E com eles voltou a trapalhada.

Logo D. João IV, duque de Bragança, por ser muito hesitante (faz lembrar outros duques de Bragança que conheci) teve de ser empurrado pela mulher para ser rei. Não sei se a mulher o empurrou mais vezes, mas como no tempo não havia o conceito de violência doméstica, as esquadras da polícia não registaram nada. Lá foi para rei e foi pai de uma rainha de Inglaterra que é mais conhecida do que ele por ter um bairro em Nova Iorque. Enfim, desenrascou-se.

Porém, deixou um filho com os sete alqueires mal medidos — o — Afonso VI. Fram tão mal medidos que a mãe, a tal que empurrou o pai (não sei se na intimidade também era assim, mas na altura ninguém se metia na intimidade de ninguém), a mãe, a D. Luísa de Gusmão, que ainda era descendente do Domingos de Gusmão que fundou a Ordem dos Dominicanos no distante ano 1216, mas ainda está vivo no coração de todos os pregadores, nomeadamente dos que fizeram a Inquisição, e também de Joaquín Gusmão, conhecido por «El Chapo», chefe do cartel de Sinaloa, no México, e ainda do Xanana supracitado e do Bartolomeu das passarolas — esqueci-me do que ia a dizer — Agh Já sei, a D. Luísa não queria que o filho desaparafusado fosse rei. Mas lá teve de ceder, coitada. E então foi ela regente. Porém, lá está a confusão do costume, o tutor que ela tinha nomeado para o rei, que era um Vasconcelos e Sousa, aproveitou o ascendente para pôr a rainha a andar. Para se perpetuar quis que o maluco do rei se casasse e arranjou-lhe uma noiva, mas o doido nem para o jantar de núpcias ficou e

quando lhe disseram que tinha de ir para a cama com a rainha pôs-se a chorar. Quiseram obrigá-lo (o #NoMeansNão-é-não e o #MeToo nunca se preocuparam com reis), mas ele resistiu, pelo que a mulher, Maria Francisca, viu-se obrigada a ir para a cama com o cunhado, que era o D. Pedro. Este, uma vez que já tinha a rainha, quis ser rei e fez um golpe de Estado, Mmandou o irmão para os Açores e ficou ele regente. Mal e-e-e-Afonso VI esticou a bota, ficou ele rei e casou com a cunhada, de quem teve uma filha. Mas o seu sucessor, o D. João V, foi filho de outra mulher com quem o Pedro II casou, que era uma Sofia.

Ora este D. João V era um maganão. Gustava de freiras, — uma coisa que estava muito na moda na altura. E segundo rezam as crónicas, teve algumas, além de outras que eram laicas (ia a-dizer que não eram tão santas, mas treme-me a mão com medo da Inquisição, da Censura e das redes sociais). Além de ter tido dinheiro como sei lá o quê e de o ter estroirado todo só para fazer um Convento quase sem utilidade (salvo para José Saramago) e um Aqueduto das Águas Livres que servia precisamente para aprisionar as águas. Mais tarde, já no séc. XIX, Dingo Alves deu ao aqueduto outra utilidade ao atirar cidadãos lá de cima para o vale de Alcântara, após os roubará-los, até porque depois de mortos não precisavam do dinheiro.

O filho deste estroina foi D. José que ficou basicamente conhecido por ter uma estátua equestre. Embora, pessoalmente considere que o cavalo é mais conhecido do que ele, pelo que o cavalo é que tem uma estátua humana. Em suma, a mulher deste rei que se chamava José I rancisco António Inácio Norberto Agostinho, convenceu-o a nomear primeiro-ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, um pobretanas que se tornou rico e Marquês de Pombal. Entretanto houve o grande terramoto e o padre Malagrida dizia que era por causa das badalhoques da nossa corte — era o pai do rei com as freiras, era este rei com a

## Anexo 4 – Índice onomástico em Word

ÍNDICE DE NOMES DE RAYMOND E A GUERRA FRIA

Dean Acheson - 36, 42; Konrad Adenauer - 51, 84, 98; Theodor Adorno - 13, 63; Salvador Allende - 139, 142; Graham Allison - 91, 186; Louis Althusser - 63, 123; Georges Altman - 10; Yuri Andropov - 156; Manuel Antunes - 122; Louis Aragon - 17; Hannah Arendt - 11, 57, 59, 60, 79; Suzanne Aron - 12, 15, 16, 125; Serge Audier - 12, 15, 16, 125; Dominique Auffret - 14

Christian Bachelier; António Alcáda Baptista - 122, 127; Jean Baechler - 7; Raymond Barre - 126; Marc Olivier Baruch - 106; Georges Bataille - 14; Nicolas Baverrez - 11, 12, 18, 24, 70, 72, 121, 125, 126, 127; André Beaufre - 108; Maria de Lurdes Belchior - 122; Coral Bell - 137, 186; Daniel Bell - 10, 65, 66, 126, 127; Enrico Berlinguer - 142; George Bernanos - 17; Alain Besançon - 7; Hubert Beuve-Méry - 22; Louis Bonaparte - 18, 121; François Bondy - 10, 78; Franz Borkenau - 10; François Bourricaud - 7; Peter Boyle - 81; Frédéric Bozo - 88; Omar Bradley - 46; Nuno de Bragança - 122; João de Freitas Branco - 122; Sofia de Mello Breyner - 122; Leonid Brezhnev - 102, 104, 132, 138, 140, 143, 154, 156; Pierre Brissson - 22, 125; Bernard Brodie - 108; Irving Brown - 10; Claudie Broyelle - 127; Jacques Broyelle - 127; Léon Brunschvicg - 14; Zbigniew Brzezinski - 56, 60; McGeorge Bundy - 71, 87, 116, 122; Mikhail Bulgárin - 80; Hedley Bull - 73; James Burnham - 24, 25, 53, 182

Marcello Caetano - 139; Robert Calmann-Lévy - 7, 8, 9, 24, 53, 64, 70, 71, 72, 118, 124, 126; Albert Camus - 8; George Canguilhem - 11; José Palla e Carmo - 122; Francisco Sá Carneiro - 140; E.H. Carr - 25; Santiago Carrillo - 142; Jimmy Carter - 146, 147; Jean-Claude Casanova - 7, 71, 124, 126, 127, 128; René Cassin - 17; Albin Chalandon - 10; Chen Jian - 43; Roselyne Chenu - 122, 123; Chiang Kai-shek - 40; Nicola Chiaromonte - 10; Winston Churchill - 31, 45, 51, 74, 98, 161; Ante Ciliga - 61; Luis Filipe Lindley Cintra - 122; Carl von Clausewitz - 16, 107, 113, 124; Lucius Clay - 33; Georges Clémenceau - 52; Albert Cohen - 17; Avner Cohen - 88; Peter Coleman - 122; Auguste Comte - 70, 118; João Bénard da Costa - 122; Michel Crozier - 169; Álvaro Cunhal - 140, 142, 143

Walter Davidson - 33; Michel Debré - 23, 50, 71; Deng Xiaoping - 148; Wilhelm Dilthey - 14; Alexander Dobbs - 88; Michael Dobbs - 91; Milorad Drachkovitch - 61, 101; Shadia Drury - 14; Alexander Dubcek - 103, 104, 123; Vincent Duclert; John Foster Dulles - 51; Émile Durkheim - 7, 14, 70; Jean-Baptiste Duroselle - 72; Elisabeth Dutarbre-Michaut - 23

Anthony Eden - 51, 79, 81, 84; Dwight Eisenhower - 51, 80, 81, 84, 88, 131; Norbert Elias - 11; Paul Éluard - 17; Pierre Emmanuel - 122; Jacques Enock - 10; René Lalive d'Épinay - 10; Valéry Giscard d'Estaing - 122, 126, 127, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 162; Étienne - 17; Yair Evron - 88

François Fejto - 77, 102, 127; Guglielmo Ferrero - 53; Gaston Fessard - 14, 126; Carole Fink - 102; Louis Fischer - 64; Gerald Ford - 71, 139, 140, 143, 146, 147; Annette Baker Fox; William T. R. Fox - 72; José Augusto França - 122; Francisco Franco - 145, 170; Sigmund

Freud - 12; Rémy Freymond; Carl Friedrich - 56, 60, 126; Henri Froment-Meurice - 9; Francis Fukuyama - 166; Marc Fumaroli - 126; Edward Furdson - 49; François Furet - 7; Aleksandr Furtseiko - 91; T. R. Fyvel - 10

John Lewis Gaddis - 33, 36, 43; Pierre Gallois - 108; John Garver - 94, 95; Romain Gary - 17; Philipp Gassert - 102; Charles Gati - 78; Charles de Gaulle - 6, 9, 16, 18, 22, 49, 73, 74, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 100, 107, 121, 154; Vo Nguyen Giap - 135; André Gide - 64, 182; Joseph Goebbels - 31; Bernardino Gomes - 137; Wladyslaw Gomułka - 77, 84; Sergei Goncharov - 43; Rui Grácio - 122; Johanna Granville - 78; Fred Greenstein - 59; Pierre Grémion - 9, 10, 66, 122, 123; João Miller Guerra - 122; Nicolas Guillot - 81; Jean Guisnel - 88; Bischof Gunter - 102; Waldemar Gurian - 56; David Ben-Gurion - 81

Élie Halévy - 13, 15, 173; Ian Hall - 7, 189; John Hall - 170, 189; Jonathan Haslam - 33, 95, 156; Pierre Hassner - 7, 10, 61, 71, 117, 124, 128, 144, 173, 175; Edward Heath - 85; Martin Heidegger - 11; Friedrich Hegel - 13, 63, 76, 166; Jeanne Hersch - 126; William Hitchcock - 49; Adolf Hitler - 29, 30, 61; Stanley Hoffmann - 7, 72, 73, 128; Max Horkheimer - 13, 63; Richard Howard; Samuel Huntington - 169; Julian Huxley - 17; Jean Hypollite - 14

Eugène Ionesco - 126

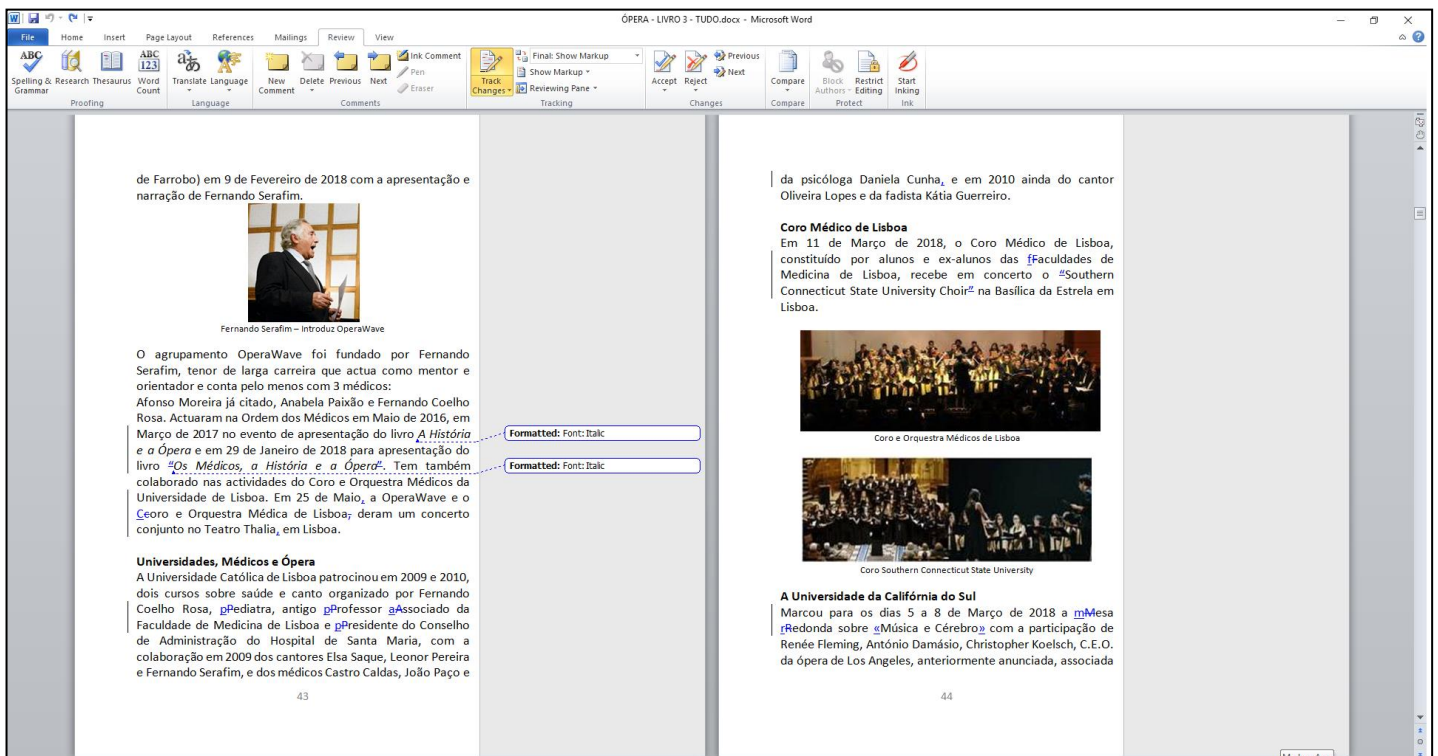
Wojciech Jaruzelski - 156; Karl Jaspers - 9, 10; Michael Josselson - 10; Bertrand de Jouvenel - 126; Tony Judt - 8, 80; Detlef Junker - 102

Janos Kadar - 84; George Kahin - 135; Herman Kahn - 108; Immanuel Kant - 6, 172, 175, 178, 180; Morton Kaplan - 110; Konstantinos Karamanlis - 139; Stefan Karner - 102; George Kennan - 8, 24, 31, 36, 46, 71, 118; John Kennedy - 71, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 112, 115, 117; John Maynard Keynes - 126; Nikita Khrushchev - 76, 77, 78, 80, 82, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 100, 130, 132, 135; Kim il-Sung - 43; Henry Kissinger - 43, 71, 73, 83, 93, 102, 108, 114, 123, 131, 135, 137, 139, 143, 145, 149; Arthur Koestler - 10, 62, 64; Helmut Kohl - 156; Alexandre Kojève - 13, 14, 166; Mark Kramer - 78, 102; Annie Krieger - 7; Keith Kyle - 79

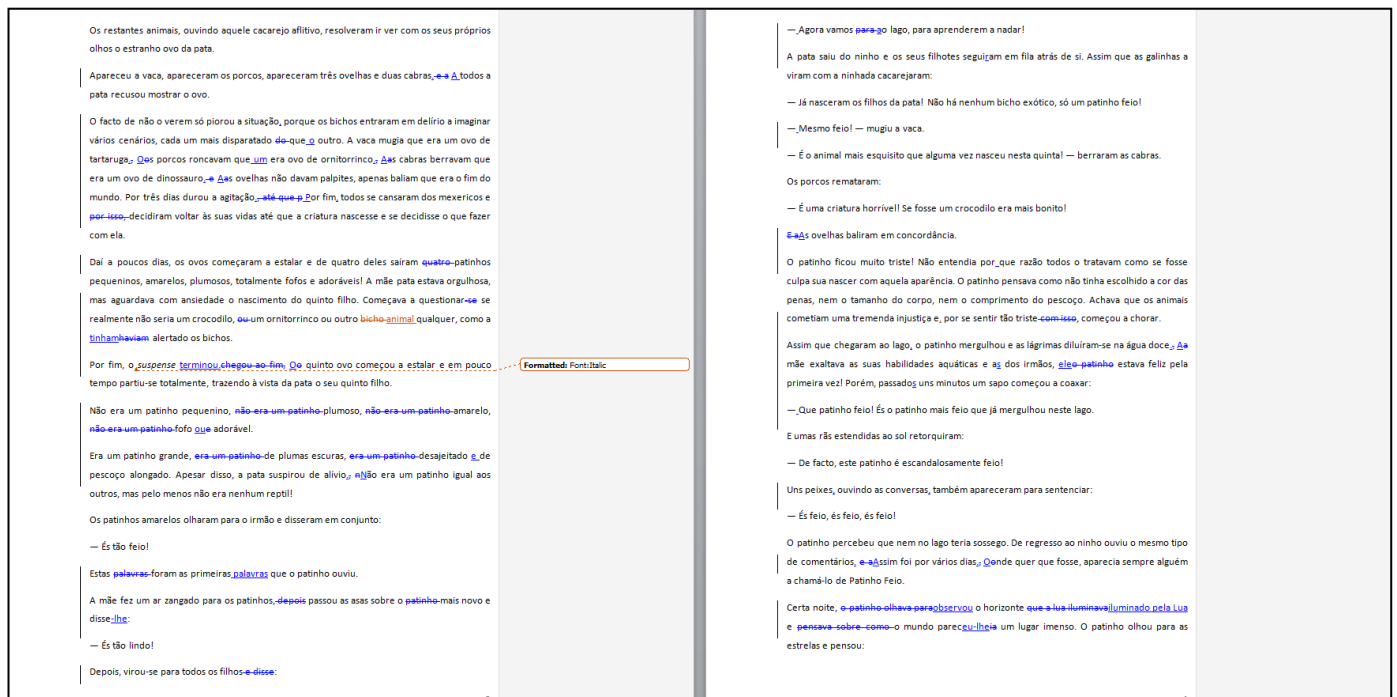
André Labarthe - 16; Jacques Lacan - 14; Emmanuel LeRoy Ladurie - 126; Robert Laffont - 9, 12, 24, 80, 124; Daniel Lagarde - 11; Jean Laloy - 126; Harold Laski - 17; Melvin Lasky - 78; Stephen Launay; Martha Leconte - 16; Claude Lefort - 7; Daniel Lerner - 51; Jules Leroy - 17; Claude Lévi-Strauss - 126; John Lewis - 43, 88; Li Zhisui - 111; Basil Liddell-Hart - 24; Haakon Lie - 10; Juan Linz - 59; Walter Lippmann - 8; Seymour Martin Lipset - 65; Mario Vargas Llosa - 8; Selwyn Lloyd - 80; Frederik Logevelt - 135; William Roger Louis - 79; Richard Lowenthal - 10, 127

James McAllister - 49; Douglas MacArthur - 45, 46; Herbert McMaster - 135; Harold Macmillan - 14, 43, 49, 62, 84, 85, 87, 96; Robert McNamara - 96, 115, 116, 135; Salvador de Madariaga - 10; Martin Malia - 7; Yakov Malik - 47; André Malraux - 12, 22, 23, 42, 63, 144, 161; Clara Malraux - 12; Henri de Man - 56, 192; Pierre Manent - 7, 124, 126, 128; Golo Mann - 12; Heinrich Mann - 12; Karl Mannheim - 11; Mao Tse-tung - 40, 43, 46, 47, 82, 95, 100, 101, 111, 130, 131, 148; Nicolò Magliavelli - 15, 58, 171, 175; Gabriel Marcel -

## Anexo 5 – Revisão de *Médicos, músicos, maçons e ópera* em Word

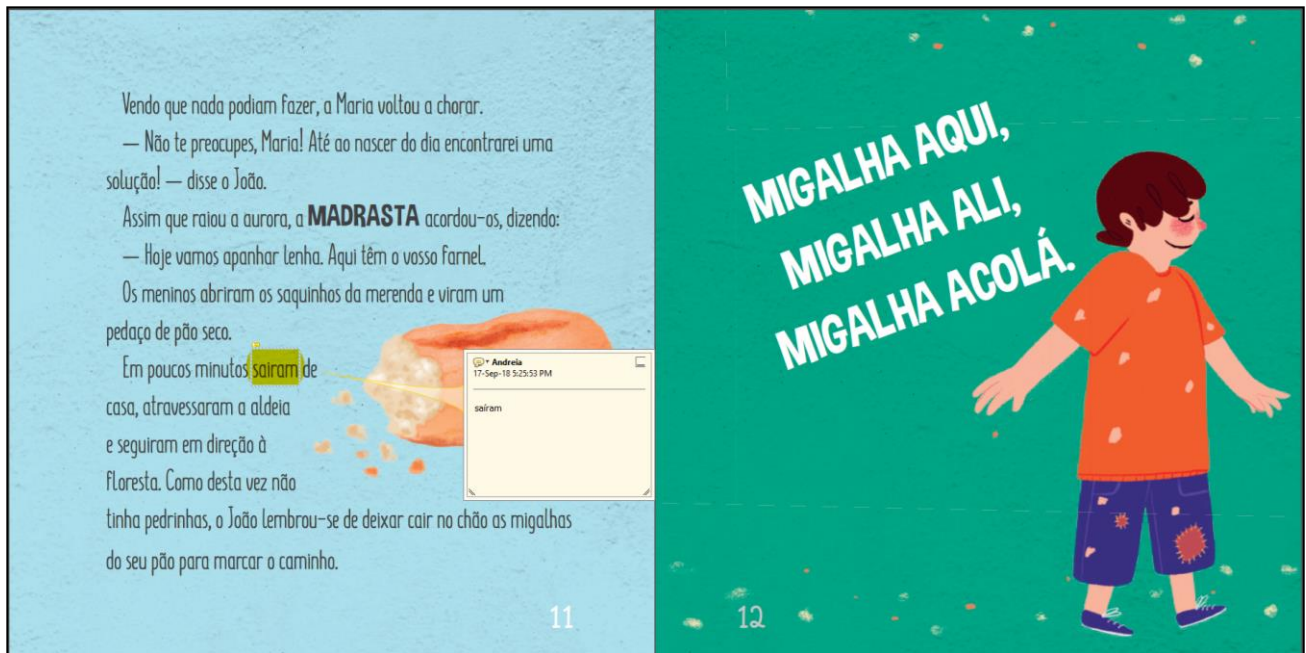


## Anexo 6 – *O Patinho Feio* revisto em Word

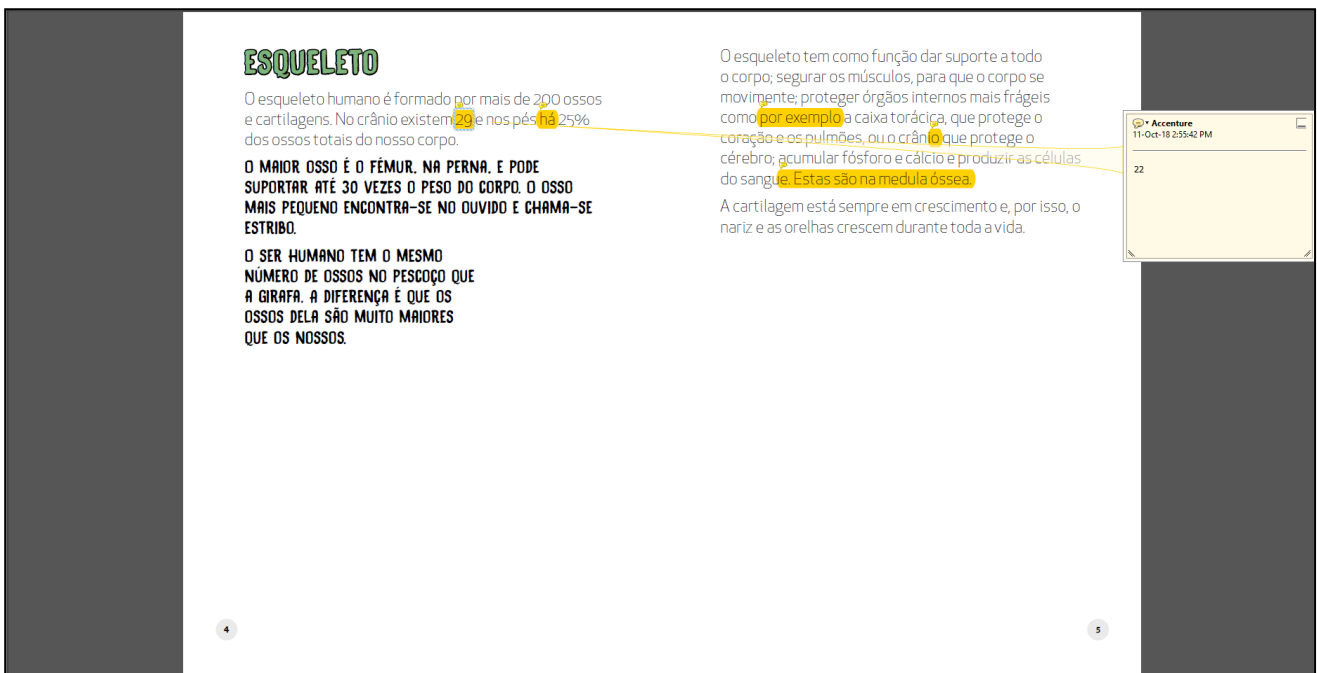




## Anexo 7 – A Casinha de Chocolate revisto em PDF



## Anexo 8 – Revisão e apuramento dos dados científicos em PDF





## Anexo 9 – Glossário em Word

ADN – ácido que é o principal constituinte dos cromossomas, transportando a informação genética que será transmitida dos pais para os filhos.	Glândula – é um órgão que expelle o que produz; o que criar pode ser lançado para o exterior, como o suor, ou levado pelo sangue, como as hormonas.
Audição – sentido que permite receber estímulos de som através das ondas sonoras que nos chegam ao ouvido.	Glóbulos brancos – células constituintes do sangue que atuam na defesa do organismo, agindo contra infeções, doenças, alergias, etc.
Bactéria – organismo microscópico que se pode desenvolver nas mais diversas condições; existem em enorme quantidade no planeta, mais do que qualquer outro tipo de organismo; podem ser prejudiciais, provocando doenças, ou úteis, ajudando a desenvolver vacinas que as evitam, por exemplo.	Glóbulos vermelhos – células constituintes do sangue que transportam o oxigénio e o dióxido de carbono aos tecidos; dão ao sangue a cor vermelha, porque contêm um pigmento vermelho chamado hemoglobina.
Bolo alimentar – pedaço de comida que, após mastigado e misturado com a saliva, se torna uma pasta mole.	Hormona – substâncias produzidas por glândulas endócrinas que têm diversas funções, como o controlo do crescimento, a regulação do metabolismo e a determinação do ritmo cardíaco.
Caixa torácica – estrutura formada por vértebras torácicas, costelas, esterno e cartilagens costais com a função de proteger órgãos vitais, como o coração, os pulmões, o fígado e o estômago.	Melanina – pigmento presente na epiderme que faz com que a pele seja mais ou menos escura conforme a quantidade que nela existe.
Cálcio – um dos minerais mais importantes para o organismo humano; existe em abundância nos ossos e nos dentes, pois a sua principal função é a fortificar o esqueleto, embora também seja essencial para a coagulação sanguínea, a contração muscular e a transmissão de impulsos nervosos.	Nervo – órgão em forma de cordão esbranquiçado constituído por fibras nervosas que transmite os estímulos do exterior para o cérebro e os impulsos nervosos do cérebro para os músculos a grande velocidade.
Cartilagem – tecido que reveste a superfície dos ossos nas zonas das articulações, suficientemente rijo para as proteger, mas não muito, permitindo a mobilidade.	Neurónio – célula constituinte do tecido nervoso responsável pela condução do impulso nervoso em resposta a estímulos do meio.
Célula – microrganismo que faz parte da estrutura de todos os seres vivos; nela se realizam as funções vitais e é transportada a informação genética.	Olfato – sentido responsável por descodificar os odores através de receptores localizados na parte superior das cavidades nasais.
Dióxido de carbono – gás que circula no ar e é exalado pelos seres humanos e pelos animais e utilizado pelas plantas para a fotossíntese.	Organismo – ser vivo, ou seja, com a capacidade de extrair energia a partir de nutrientes, de se adaptar às mudanças ambientais e de se reproduzir.
Ecografia – método utilizado pelos médicos para ver o interior do corpo em imagens conseguidas através de uma sonda que produz ondas sonoras de alta frequência; recorre-se à ecografia para acompanhar o crescimento do bebé na barriga da mãe, por exemplo.	Órgão – cada uma das partes independentes do corpo de um ser vivo, que tem a seu cargo uma função específica.
Fezes – matéria resultante da digestão constituída pela porção dos alimentos que não foi absorvida pelo organismo por não lhe ser útil e que é eliminada através da defecação; também conhecidas informalmente como cocó.	Oxigénio – gás que circula no ar e que é utilizado pelos seres humanos e pelos animais na respiração; produzido pelas plantas através da fotossíntese.
Fibra muscular – células que constituem os músculos.	Paladar – sentido que permite reconhecer os sabores e a textura dos alimentos através dos botões gustativos situados, principalmente, na língua.
Fígado – a maior glândula do corpo que metaboliza e armazena os nutrientes absorvidos pelo intestino, neutralizando e eliminando as substâncias tóxicas através de um fluido chamado bilis.	Pâncreas – glândula responsável pela produção de enzimas digestivas, que facilitam a digestão e o metabolismo dos nutrientes, e hormonas, que regulam a forma como o organismo utiliza os açúcares.
Fósforo – mineral presente em quase todos os alimentos de origem animal; existe em abundância nos ossos e nos dentes, pois tem um papel importante na sua formação.	Plaquetas – fragmentos celulares presentes no sangue responsáveis pela coagulação sanguínea que ajudam na reparação da parede de vasos sanguíneos.
	Plasma – parte líquida do sangue que corresponde a 55% da sua constituição
	Poros – pequeno orifício da pele de onde saem os pelos, o suor e o sebo.


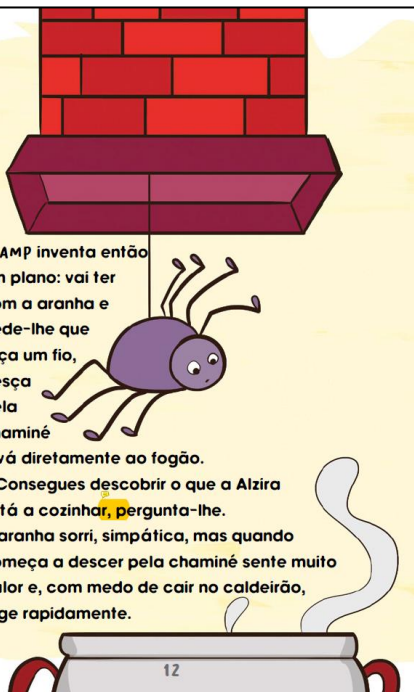
## Anexo 10 – Sugestões para dicionário português-inglês em Google Sheets

Palavras Dicionário CTT												
Ficheiro Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Suplementos Ajuda A última edição foi efetuada em 23 de outubro de 2018 por Rita LH												
como não é bom as crianças brincarem com laqueiros, talvez seja melhor uma alternativa como iman - magnet												
100	Inqueto - light	ok	Vou retirar para bater certo e não ter de se preocupar com a palavra (Rita LH)	como não é bom as crianças brincarem com laqueiros, talvez seja melhor uma alternativa como iman - magnet								
106	Janeiro - January	ok	(ABRIL)									
107	Janela - window	ok	jantar flores									
108	Jardim - garden	ok	(ESPELHO)									
109	Jarra - flower vase	ok		as crianças provavelmente não sabem o que é j								
110	Jasmin - jasmine	ok	gaiola?									
111	Jesla - cape	ok										
112	Javali - boar	ok										
113	Joelho - knee	ok										
114	Jogo - game	ok										
115	Jornal - newspaper	ok	verdade, é newspaper	NEWSPAPER??? ou sei que existe Journal, mas não estão aqui e								
116	Lábios - lips	ok										
117	Lago - lake	ok										
118	Lápis - pencil	ok										
119	Laranja - orange	ok										
120	Largo - square	ok		um pouco subjetivo, uma vez que também pode								
121	Leão - lion	ok										
122	Legumes - vegetables	ok										
123	Leite - milk	ok										
124	Língua - tongue	ok										
125	Livro - book	ok										
126	Lua - moon	ok										
127	Luas - gloves	ok										
128	Macaco - monkey	ok										
129	Mãe - mother	ok										
130	Maio - May	ok										
131	Mala - bag	ok										
132	Mão - hand	ok	(DEDO)									
133	Mar - sea	ok										
134	Marte - Mars	ok										
135	Março - March	ok										
136	Maçã - apple	ok										
137	Meias - socks	ok	(LUVAS)									
138	Mochila - backpack	ok	sim, backpack está certo	BACKPACK???								

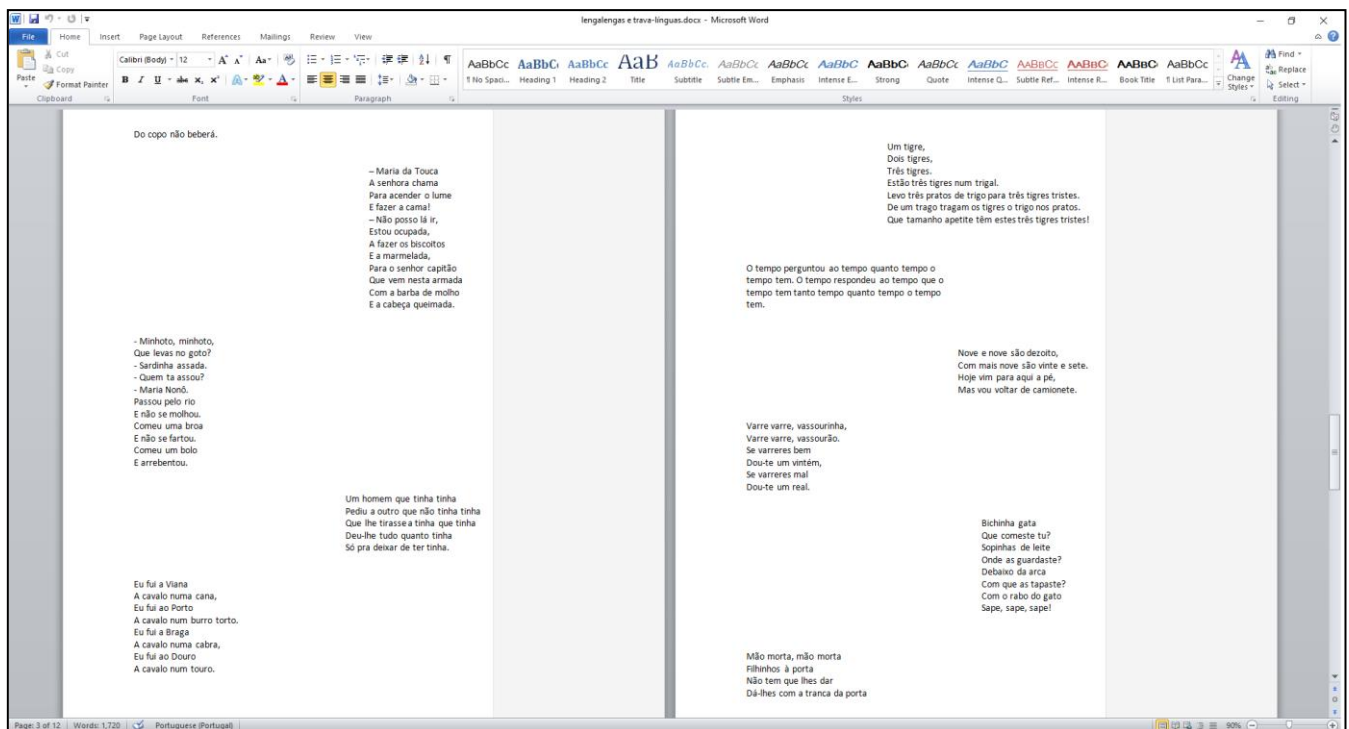
## Anexo 11 – Sugestões para *Stamp e o Cheiro Misterioso* em Word

<p>Stamp está sempre esfomeado. <u>Todas as manhãs</u> espanta pela porta entreaberta da cozinha enquanto Alzira, a cozinheira, prepara os seus maravilhosos croissants. Ao final do dia, implora sempre por um bocadinho de comida. Contudo, Alzira nunca o deixa entrar na cozinha. <u>O cão sentado à frente da porta da cozinha.</u></p> <p>Uma tarde, quando ainda era um cachorrinho, Stamp encontrou a porta aberta e, aproveitando a oportunidade, entrou na pequena cozinha. <u>Claro que rapidamente fez desaparecer toda a comida que Alzira deixara em cima do balcão, incluindo uma tablete de chocolate que o deu com dores de barriga durante uma semana!</u> A cozinheira não tardou a regressar e, sobressaltada, pegou na vassoura e embotou o cão para o jardim.</p> <p>- Stamp, vai brincar com os outros animais e não voltes a entrar na minha cozinha!</p> <p><u>Desde então todos os dias, os cheiros incríveis dos cozinhados encontram o nariz do Stamp. Mas, nestas tardes em particular, a cozinha está repleta dos cheiros mais intensos e cativantes: que nunca antes sentia.</u> O cão de pé a salivar e a imaginar ossos, perna de peru, queijo, salsichas, cupcakes, uvas, maçã, bananas.</p> <p>Pela porta entreaberta, Stamp observa a cozinheira atarefada e aprecia os cheiros incrivelmente misteriosos. Intrigado com a origem do cheiro, chama os seus amigos para o ajudarem a decifrar tal enigma. <u>O cheiro a chegar ao nariz do Stamp.</u></p> <p>A primeira a chegar é a gata Pipoca. Com o seu rabo branco no ar e os olhos astutos, senta-se ao lado do cão e observa os movimentos dentro da cozinha. Corajosamente, oferece-se para ir averiguar a origem do cheiro desconhecido:</p> <p>- Eu vou descobrir o que a Alzira está a cozinhar, desde que partilhes o teu jantar comigo.</p> <p>Stamp concorda. Aquele cheiro delicioso já começa a abrir-lhe o apetite.</p> <p><u>A gata sentada do lado de Stamp.</u></p> <p>Sorrateiramente, a gata entra na cozinha, <u>baila para cima de uma cadeira e pula para o balcão onde se deitou da mesa e salta para uma ca deira.</u> Mas, antes de avistar os maravilhosos cozinhados, Alzira ameaça-a com <u>o bido da massa ressoante.</u></p> <p>- Não há nada nesta cozinha para ti, Pipoca! – resmunga a cozinheira.</p> <p>A porta com o cheiro a sair e a gata a entrar. Vassoura da cozinheira visível pela porta entreaberta.</p> <p>A gata foge assustada e a cozinheira fecha a porta. No entanto, o cheiro continua a viajar até ao nariz do cão. Ainda intrigado, Stamp, que tinha quase a certeza de ter visto a Pipoca brincar às apanhadas com o rato, pede-lhe que o chame:</p> <p>- Pipoca, podes pedir ao teu amigo que entre na cozinha pela fenda na porta? Mas a gata diz que não é amiga do rato. Vá-se lá entender.</p> <p>Sem a ajuda do rato, e depois do fracasso da gata, Stamp decide sair à rua e pedir auxílio aos seus restantes amigos. Ali perto, a cantarolar num ramo de uma árvore, <u>estão os pássaros.</u></p> <p>- Amigos pássaros, podem tentar descobrir o que a Alzira está a cozinhar?</p> <p>Os pássaros, animados, voam até à janela mas não conseguem ver nada, <u>janela está tapada pelas cortinas.</u></p>	<p><b>Comment (U1):</b> Será correto ter o 'todavia' e o 'mas' seguidos?</p> <p><b>Comment (A2):</b> Se estivesse no balcão em princípio não cozinhados</p> <p><b>Comment (A3):</b> Para não repetir a vassoura</p> <p><b>Comment (A4):</b> Não seria mais giro especificar os pássaros? Se fossem pardais por exemplo.</p>	<p>Os pássaros, animados, voam até à janela para descobrirem a origem do maravilhoso cheiro, mas não conseguem ver nada devido às lindas cortinas da cozinha.</p> <p>Sem querer desistir, Stamp pede à sua amiga aranha que desça pela chaminé e vá diretamente ao fogão.</p> <p>- Se conseguires descobrir o que a Alzira está a cozinhar, partilha o meu jantar contigo.</p> <p>A aranha sorri, simpática, mas quando começa a descer pela chaminé sente muito calor e, com medo de cair no caldeirão, foge rapidamente.</p> <p>Stamp pede, então, às suas amigas formigas que avancem por debaixo da porta e subam ao armário da cozinha.</p> <p>- Só têm de me contar o que a Alzira está a cozinhar e podem ter uma parte do meu jantar.</p> <p><u>Armário da cozinha.</u> As formigas trabalhadoras encontram excelentes doces e, em vez de contarem ao cão o que cheirava tão bem, começam a carregar as migalhas para <u>uma casa.</u></p> <p><b>Comment (A5):</b> Ou para o formigueiro, sendo parece que estão a ir para dentro da casa.</p> <p>Impaciente, Stamp dá voltas à frente da porta observando a pequena abertura por onde entraram as formigas. Depois de esperar muito tempo, Stamp corre até à janela, sobe para cima do banco do jardim e, aos pulos, tenta avistar os cozinhados da Alzira por entre as cortinas. Infelizmente, a janela era demasiado alta.</p> <p>Determinado, o cão decide pedir à galinha que o ajude a espreitar.</p> <p>- Amiga galinha, podes ajudar-me a descobrir o que a Alzira está a cozinhar?</p> <p>A galinha, atenciosa, salta para as costas do cão, mas apenas consegue ver a cozinheira de volta do fogão.</p> <p>- Desculpa Stamp, não consigo descobrir o que cozinha a Alzira. Mas se te serve de consolo, já não deve faltar muito para o jantar.</p> <p>Descontente por não o ter conseguido ajudar, a galinha volta ao galinheiro. É também para aí que se dirige a cozinheira, minutos depois, a fim de apanhar os ovos dos ninhos.</p> <p>- Que ovos maravilhosos vou ter! Mal posso esperar para pôr os meus bolos a cozer.</p> <p><u>Galinhão com vários ninhos de ovos e várias galinhas.</u></p> <p>Apercebendo-se da ausência de <u>Alzira e cozinheira</u>, Stamp corre para a cozinha, mas não consegue entrar, porque a porta está fechada. Desanimado, descobre as moscas perto da janela e decide pedir-lhes ajuda.</p> <p>Ele pede-lhes, então, <u>às moscas</u> que se infiltrem na cozinha e averiguem o que se passa. Mas as moscas são faladoras e não o ouvem.</p> <p>- Cheira tão bem! Bzz! – diz uma <u>mosca</u>.</p> <p>- Mal posso esperar pelo jantar! – diz a outra.</p> <p>Persistente, Stamp volta a perguntar:</p> <p>- Moscas, será que podem ir descobrir o que a <u>Alzira e cozinheira</u> está a preparar?</p> <p>E desta vez <u>elas as moscas</u> prestam-lhe atenção ao cão.</p>
---	---	---

## Anexo 12 – *Stamp e o Cheiro Misterioso* revisto em PDF

 <p><b>Sem a ajuda do rato, o cão vê, ali perto, a chilrear alegremente num ramo de uma árvore, os pardais.</b></p> <p>- Amigos pássaros podem tentar descobrir o que a Alzira está a cozinhar? Os pássaros, animados, voam até à janela mas não conseguem ver nada, <b>janela está tapada pelas cortinas.</b></p> <p>11</p>	 <p><b>STAMP inventa então um plano: vai ter com a aranha e pede-lhe que teça um fio, desça pela chaminé e vá diretamente ao fogão.</b></p> <p>- Consegues descobrir o que a Alzira está a cozinhar, pergunta-lhe. A aranha sorri, simpática, mas quando começa a descer pela chaminé sente muito calor e, com medo de cair no caldeirão, foge rapidamente.</p> <p>12</p>
---	---

## Anexo 13 – Lengalengas e trava-línguas em Word



## Anexo 14 – Biografia revista em PDF



## Anexo 15 – Biografias produzidas em Word

### ELLA FITZGERALD

A cantora de jazz, celebrizada pela versatilidade da sua voz e pela vivacidade das suas atuações, veio de uma família humilde. Com a separação dos pais e a morte da mãe, Ella e a sua meia-irmã foram morar para casa da tia Virginia, em Harlem. Apesar de ser uma menina inteligente, Ella faltava muito às aulas e as suas notas desceram, o que fez com que fosse enviada para um reformatório. Quando conseguiu fugir, passou a viver nas ruas, onde cantava e dançava para ganhar algum dinheiro. Um dia, decidiu participar num concurso de talentos e conseguiu o primeiro prémio. Uma das pessoas que a ouviu cantar ficou tão impressionada com o seu talento que a recomendou à banda Chick Webb, com a qual Ella cantou durante alguns anos e gravou o seu primeiro grande êxito chamado «A-Tisket-A-Tasket», uma velha música para qual escreveu uma letra nova. A sua popularidade aumentou imenso com a ajuda de Granz e da sua editora discográfica Verve, que levou a música de Ella a ser apreciada por um público muito alargado. Foi a primeira mulher afroamericana a ganhar um Grammy, o prémio mais importante da indústria musical, chegando a reunir 13 ao longo da vida.

### HEDY LAMARR

A bela atriz de sucesso e brilhante inventora, a quem hoje devemos não só vários filmes, como também grande parte da tecnologia que usamos diariamente, nasceu na Áustria e, mais tarde, adquiriu nacionalidade americana. Começou a estudar representação numa escola aos 16 anos. Apenas um ano depois, estreou-se no cinema como figurante no primeiro filme com diálogo sonoro feito na Áustria chamado em alemão *Geld auf der Strasse*, que significa «dinheiro na rua», mas obteve ainda mais êxito como protagonista do filme *Extase*, em 1932. Chegou a estar casada com um fabricante de armas que não a deixava fazer mais filmes, porque era muito ciumento, mas depressa o deixou e foi viver para Hollywood, na América, onde foi escolhida para vários papéis e chegou a criar a sua própria produtora de cinema. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela e George Anthell inventaram um dispositivo que facilitava a comunicação entre militares sem que o inimigo pudesse escutar as conversas. O sistema por eles criado ainda hoje é utilizado nos telemóveis e ajudou a desenvolver tecnologias como o Bluetooth, o GPS e o WiFi.

### MALALA YOUSAFZAI

A grande ativista paquistanesa nasceu num lugar muito bonito chamado Vale do Swat, mas a sua terra natal tornou-se menos agradável quando os talibãs tomaram o poder. Eles usavam frequentemente a violência para impor restrições, inclusive tentaram que as raparigas deixassem de ir à escola, mas Malala e as suas colegas queriam continuar a aprender. Era preciso agir. Malala fez sucesso com os seus discursos e um blogue que escrevia, dizendo sempre que a educação era um direito de todos. Mesmo sob ameaça dos talibãs, que não gostavam de ser contrariados, ela não parou de divulgar as suas convicções. Em 2012, Malala levou um tiro na cabeça quando regressava da escola num autocarro com as suas colegas. Enviaram-na para Inglaterra para ser tratada e sobreviveu. Ficou a viver nesse país com a família e é lá que estuda filosofia, política e economia na Universidade de Oxford. Passar por uma situação tão perigosa deu-lhe ainda mais força para lutar por aquilo em que acredita. Foi a pessoa mais jovem de sempre a ganhar um Prémio Nobel da Paz e vai continuar a fazer o que estiver ao seu alcance para que todas as meninas possam estudar livremente.

### MADRE TERESA DE CALCUTÁ

Dedicadíssima missionária de origem albanesa, tornou-se célebre pelo seu desempenho e pela sua dedicação na ajuda aos pobres e necessitados. Desde pequena que queria viajar pelo mundo a ajudar quem precisasse, embora lhe custasse ir para longe da família. Quando nasceu, os pais chamaram-lhe Agnes, mas ela mudou o nome para Teresa, porque era uma grande admiradora de Santa Teresa de Lisieux. Depois de Dublin, na Irlanda, foi para Calcutá, na Índia. Ali encontrou pessoas muito pobres, doentes e com fome. Decidiu a fazer a diferença, pôs de lado o conforto e foi viver para perto de quem mais precisava da sua ajuda. Aprendeu hindi e bengali para poder comunicar com todos e até primeiros socorros para auxiliar os doentes. Chegou a dar aulas em bairros de lata, onde, apesar das dificuldades, as crianças eram alegres e boas. Com alguma ajuda, Madre Teresa conseguiu abrir várias casas e lares para os pobres e os doentes, primeiro na Índia, depois em muitos outros países. O seu trabalho e a sua bondade foram muito premiados, inclusive com um Prémio Nobel da Paz em 1979.